

"O PAPEL DAS UNIVERSIDADES, NO FORTALECIMENTO DO ACESSO AO PLENO CONHECIMENTO DO POVO AFROBRASILEIRO, É PERTINENTE NO SENTIDO DE ESTAREM COMPROMETIDAS COM O FORTALECIMENTO DOS VALORES AFROS E SUA CONTRIBUIÇÃO."

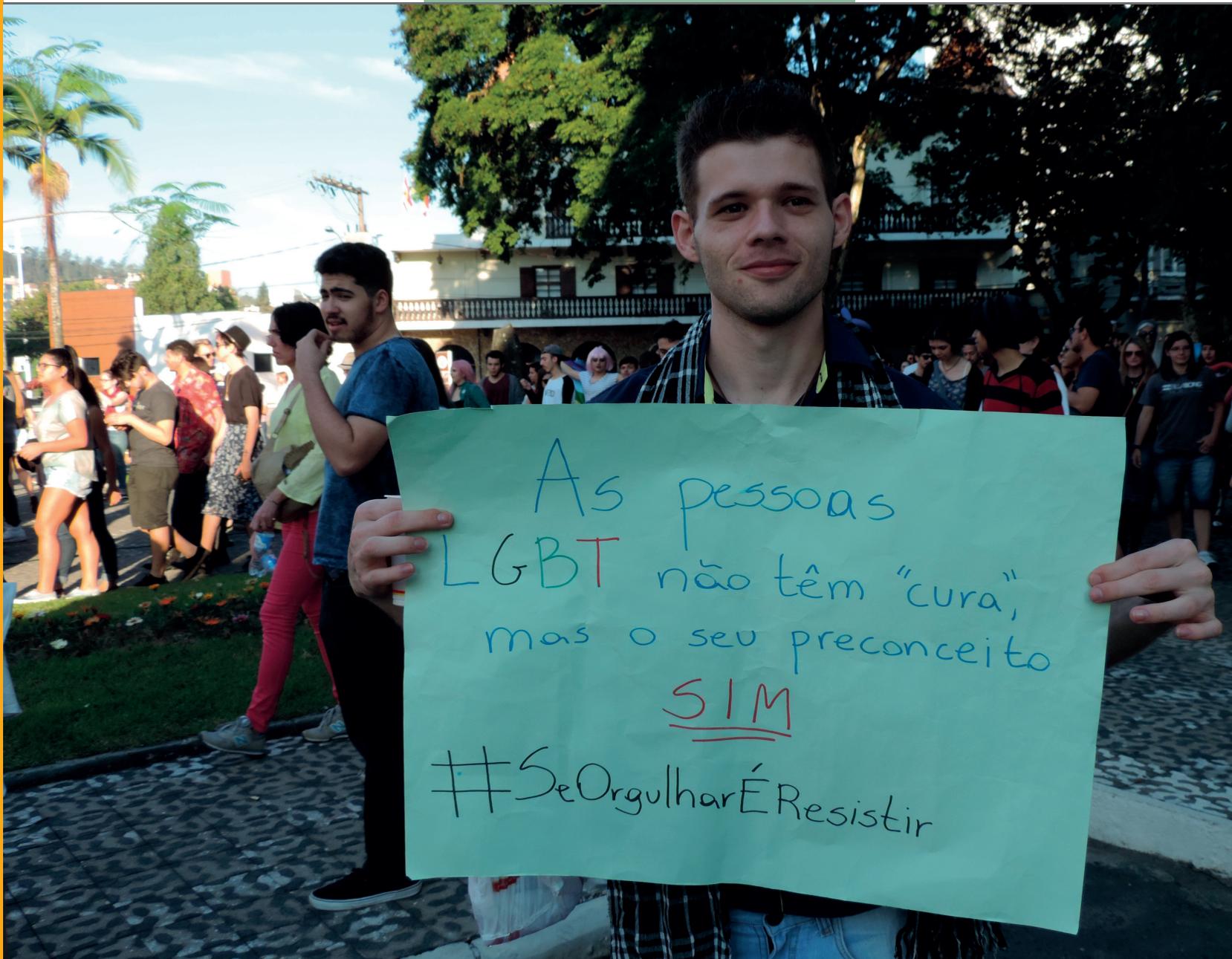
**DA INVISIBILIDADE AO CONHECIMENTO**  
POR MARCOS RODRIGUES DA SILVA  
POS-DOC EM EDUCAÇÃO/PNPD/FURB  
PÁGINA 7

"A BUSCA POR ALTERNATIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO URBANO E NOVOS MODOS DE USAR E PARTICIPAR DA CIDADE É O DESAFIO QUE SE COLOCA. POUCOS MUNICÍPIOS CONSEGUIRAM INCLUIR DE FORMA ESTRATÉGICA A QUESTÃO."

**DANIELA P. G. SARMENTO - MESTRANDA EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL (FURB)**  
**CARTA DAS MULHERES PARA BLUMENAU**  
PÁGINAS 10 E 11

"A COMBINAÇÃO DE ORÇAMENTO PÚBLICO COM FINANCIAMENTO PRIVADO TENCIONA AS EXIGÊNCIAS INTERNAS DE QUALIDADE ACADÊMICA E EXIGÊNCIAS EXTERNAS DE AGILIDADE MERCANTIL. ESSA TENSÃO SE MANIFESTA TAMBÉM NA BUSCA PELA AUTONOMIA DOCENTE"

**MARCOS MATTEDI - DR. EM SOCIOLOGIA**  
**LADO B - SUCUMBÊNCIAS**  
PÁGINA 16



5ª edição da Parada LGBT de Blumenau leva cores e reflexões para a principal rua da cidade, em 24 de julho

FOTO: JAIME BATISTA DA SILVA

## O DEBATE EM TORNO DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

A discussão do tema para além de padrões comportamentais e sociais, na perspectiva de garantir a diversidade e o respeito.

PÁGINAS 8 E 9



MARIANA FLORENCIO

**CANTORA DE BLUMENAU GRADUADA PELA FURB, MAREIKE VALENTIN, LANÇA CAMPANHA DE FINANCIAMENTO COLETIVO PARA GRAVAÇÃO DO SEGUNDO CD**

PÁGINAS 12 E 13



LUIZ GUILHERME ANTONELLO

**CAMPANHA 'BICICLETA NAS ELEIÇÕES' COMEÇA EM BLUMENAU, COM O INTUITO DE PRESSIONAR OS CANDIDADOS MUNICIPAIS A INCLUIREM O TEMA MOBILIDADE NAS SUAS PROPOSTAS**

PÁGINA 11

# SEGURANÇA NAS ESCOLAS

**A**s escolas devem ser tão seguras quanto os hospitais, que ostentam uma cruz vermelha, ou como edifícios que carregam o símbolo azul das Nações Unidas. No entanto, elas não são. A violência escolar se manifesta de diversas maneiras: internamente entre alunos, contra os professores, tanto fisicamente quanto moralmente e também contra as próprias instalações escolares.

A grande imprensa noticiou no mês de julho (15) um desses casos que tirou da invisibilidade a Escola Municipal Limírio Cardoso Dávila, localizada no bairro Bela Parnamirim, na periferia de Natal-RN. As cenas foram estarrecedoras, em plena luz

do dia sob os holofotes da imprensa, e com a presença da polícia que presenciou tudo, assistiu-se a uma barbárie difícil de acreditar; adultos e crianças promovendo uma pilhagem sem precedentes, ninguém fez cerimônia: quebradeira, destruição e roubo. O forro do teto das salas de aula foi quebrado. Janelas, pias, sanitários e lâmpadas foram quebradas ou roubadas. Da estrutura funcional da escola, materiais como cadeiras, mesas, computadores e impressoras, não podem mais ser encontradas no local, livros didáticos foram rasgados e queimados, a fiação de cobre foi arrancada. Em um trecho da reportagem é possível ver um homem utilizando um pedaço de madeira para quebrar o forro de uma sala de aula. Em outro trecho, uma mulher usa um carrinho de mão para roubar um armário e um homem tentava colocar o portão da escola em cima de um carro. Mesmo que a reportagem veiculada em rede nacional no dia seguinte, provocando grande perplexidade em todo o Brasil, a pilhagem continuou até o dia 18 de forma que apenas restou um esqueleto, ruínas daquela que foi um dia uma escola

pública. Nem o porteiro da escola foi poupado; o secretário de Educação do município, ordenou que o porteiro da escola abrisse a unidade para que pudessem retirar a tempo tudo que fosse possível. Revoltada, a população decidiu se vingar do porteiro, aplicando-lhe uma surra. A Secretaria de Educação teve que realocá-lo, com toda a família, em outro bairro de Parnamirim.

Os motivos? A situação na escola vinha se mostrando insus-

tentável desde que os professores reivindicaram a saída do antigo diretor, considerado permissivo demais. O impasse obrigou o diretor a pedir para sair, e revoltou moradores. (?) Outros afirmaram que a escola entrou em férias e disseram que ia ser fechada por motivo de uma reforma, pois ela já vinha sendo alvo de depredações e a população resolveu tomar essa atitude (?). Os motivos alegados aparentemente não fazem sentido para os que tiveram apenas contato com a informação dessa reportagem, e que estão longe de serem compreendidos, em uma comunidade acostumada com a violência em seu entorno. O bairro de Bela Parnamirim, frequenta o noticiário pelo histórico de violência a que seus moradores se habituaram. Estupros, homicídios e assaltos se tornaram rotineiros. Os crimes já não chocam. Notas em blogues ou jornais já não rendem tanto, por mais brutal que seja o crime. A comunidade se tornou um lugar-comum. O poder público se reduziu a nada, impotente diante da situação.

A mera indignação moral baseada em emoções passageiras não adianta de nada. Para isso, não podemos ver o problema da violência sob um só viés. Pois a violência contra a escola é uma realidade vergonhosa. Desde a fraude das merendas que tiram do orçamento da educação recursos cada vez menores destinados às escolas até esse espetáculo sem precedentes documentado a olhos vistos. A escola deveria ser um lugar sagrado, no entanto, parte dessas comunidades mais carentes investem contra seu próprio futuro e das próprias gerações que o acesso à educação poderia lhes proporcionar. É a própria realimentação de um círculo vicioso de contínua pobreza e auto-exploração.

A situação no mundo não é muito diferente. Um novo relatório do Escritório de Direitos Humanos das Nações Unidas, com sede em Genebra, traçou quase 10.000 ataques a escolas e faculdades. Só em 2012, houve 3.600 ataques separados contra instituições de ensino, professores e escolas. O relatório aponta “um efeito cascata”; além do efeito direto sobre as vítimas e suas comunidades, tais ataques enviam “um sinal para outros pais e encarregados de educação que as escolas não são lugares seguros.” Como resultado, meninas e meninos, com medo de ataques, estão agora se recusando a ir para a escola. E os pais, preocupados que seus filhos não são mais seguros lá, recusam-se a enviá-los. Mas, fora da escola, as meninas, em particular, são muito mais vulneráveis a serem exploradas, vendidas como escravas, ou abusadas. Em um mundo desenvolvido onde se discute os problemas do “bullying”, modernas tecnologias de ensino, aplicação de realidade virtual com equipamentos sofisticados, esse outro mundo de violência é um contrastante conjunto de iniquidades que vez por outra chocam aos que vivem em uma redoma socialmente diversa.

“

**Em um mundo desenvolvido onde se discute os problemas do “bullying”, modernas tecnologias de ensino, aplicação de realidade virtual com equipamentos sofisticados, esse outro mundo de violência é um contrastante conjunto de iniquidades que vez por outra chocam aos que vivem em uma redoma socialmente diversa.**

## MEMÓRIA UNIVERSITÁRIA

Comemoração dos 25 anos da EDIFURB. Durante o evento foi lançada a Exposição EDIFURB 25 anos, que buscou contar um pouco da história da EDIFURB. Local: Salão Angelim, Biblioteca Universitária - Campus I - FURB. Data: 04/08/2011. Fotógrafo: Daniel Zimmermann.



**PARTICIPE DO EXPRESSÃO!** Envie textos, opiniões, fotografias, charges... Entre em contato pelo email ou nos telefones abaixo!

DIRETORIA SINSEPEs | 2014/2017

**Presidente:** Ralf Marcos Ehmke (CCSA); **Vice-presidente:** Luiz Donizete Mafra (DAC); **Secretária geral:** Laurete Maria Ebel Coletti (CCS); **1ª Secretária:** Marian Natalie Meisen (CCT); **Tesoureiro:** Nazareno Schmoeller (CCSA); **1º Tesoureiro:** Valcir de Amorim (DAF); **Diretora de Cultura e Cuidados com a Saúde:** -; **Diretor de Imprensa e Comunicação:** Carlos Alberto Silva da Silva (CCHC); **Diretora de Assuntos Jurídicos:** -; **Diretora de Formação e Relação Sindical:** Nevoni Goretti Damo (CCS)

### CONSELHO FISCAL

**Efetivos:** Edemar Valério Mafra (NRTV), Leandro Junkes (Biotério Central) e Jorge Gustavo Barbosa de Oliveira (CCHC)  
**Suplentes:** Márcio C. de Souza Rastelli (CCS), Sélézio Rodrigues (DAC) e Wanderley Renato Ortunio (Etevi)

**Projeto gráfico:** Ana Lucia Dal Pizzol

**Tiragem:** 2.000 cópias. **Gráfica:** Grafnorte S/A (Apucarana, PR) - (41) 3598.1113 ou (41) 9926.1113

**Jornalista responsável:** Marcela Cornelli - MTB 00921/SC JP

As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores.

## Contato

**Expressão Universitária** é uma publicação do SINSEPEs (Sindicato dos Servidores Públicos do Ensino Superior de Blumenau)

**Endereço:** Campus I da FURB - Rua Antônio da Veiga, anexo à cantina central - Victor Konder - Blumenau - SC - CEP 89012-900

**Telefone:** 47 3321-0400 | 47 3340-1477

**E-mail:** sinsepes@sinsepes.org.br

**Página:** www.sinsepes.org.br





# INTERNAS

## CIDADANIA EM DEBATE VOLTA COM PROGRAMAÇÃO INÉDITA NA FURB TV

O Cidadania em Debate volta com a programação inédita dia 15 de agosto, após recesso de férias. O programa vai ao ar toda a segunda-feira, às 19h, pela FURB TV, com reprise no canal universitário (15 da NET e 42 da BTV), segundas às 20h30min e domingos às 18h30min. A pauta privilegia assuntos de interesse da comunidade acadêmica, com destaque para a educação, cultura e a cidadania. O programa foi criado em abril de 1997. Veiculado pela Furb TV, o Cidadania em Debate se consolidou como instrumento de comunicação sindical. Com 30 minutos de duração, é apresentado pelo professor e dirigente do Sinsepes, Carlos da Silva, com produção da jornalista Magali Moser e do estagiário Luiz Guilherme Giovanella Antonello.

## MOSTRA DE FOTOGRAFIAS "NATUREZA" CHEGA A FURB NO DIA 9

A "Exposição de Fotografia: Natureza" abre às 17h, do dia 9 de agosto, no Saguão do Bloco A, da FURB. A mostra busca divulgar algumas fotos produzidas no Grupo de Fotografia Digital pelos Idosos no Sesc Blumenau, e estará aberta para visitas até o dia 20 de agosto.

A atividade do Grupo de Fotografia Digital propicia aos participantes o desenvolvimento de habilidade na fotografia de modo vivencial e em processo grupal. A exposição conta com a parceria da área de Cultura do Sesc na montagem e produção, e com o apoio da Divisão de Cultura da FURB. Os horários são de segunda a sexta, das 7h30 às 22h, e aos sábados, das 8h às 17h. Mais informações pelo (47) 3321-0937 e 3321-0399, pelo e-mail cultura@furb.br. Para ficar por dentro dos eventos culturais na FURB, acesse facebook.com/CulturaFURB

## MATRICULAS PARA O FURB IDIOMAS ESTÃO ABERTAS

As matrículas para os cursos de inglês e alemão da FURB Idiomas podem ser feitas até o dia 15 de agosto. Os alunos e ex-alunos da FURB têm direito a um desconto especial.

O investimento seria de R\$ 106 para a matrícula, mais cinco parcelas de R\$ 284. Para alunos e ex-alunos, o desconto é de 20% nas parcelas, ou seja, cinco vezes de R\$ 227. É recomendável, para aqueles que já fizeram curso ou têm algum conhecimento na língua escolhida, fazer um teste de nivelamento: podendo ser de segunda a sexta, das 14h às 20h.

Para mais informações, acesse furb.br/idiomas, pelo e-mail para idiomas@furb, BR ou pelo telefone (47) 3321-0364.

## O VALOR COBRADO PELO ALMOÇO E JANTAR NA CANTINA CENTRAL DA FURB SOFRERÁ UM AUMENTO

O valor cobrado pelo almoço e jantar na cantina central da FURB sofreu um aumento em 28 de julho. O preço da refeição, hoje de R\$ 6,30 para estudantes e funcionários, passou a R\$ 7,00. Para a comunidade externa, custa agora R\$ 10,00. O reajuste anual está previsto no contrato de concessão e prevê a aplicação do Índice de Variação Geral de Preços (IVGP), que, nos últimos 12 meses (até junho), alcançou 10,70%.

A informação é da coordenadora da Comissão Gestora dos Contratos, Bethânia Hering, que também é professora do curso de Nutrição da FURB. A Comissão reúne membros do DCE, professores e servidores da instituição.

Este é o segundo aumento do ano no preço do almoço e jantar. O primeiro ocorreu em janeiro deste ano.

## EXPOSIÇÃO "ACERVO GUIDO HEUER E DESENHO INVOLUNTÁRIOS" CHEGA AO SALÃO ANGELIM

Do dia 2 a 20 de agosto, a exposição "Acervo Guido Heuer e desenho involuntários" celebra os 60 anos do artista blumenauense. A mostra será no Salão Angelim, na biblioteca universitária, campus 1, e vai reunir obras do artista que pertencem ao acervo da universidade, entre outros. A exposição é a primeira de três que contemplam uma programação alusiva ao aniversário em Blumenau.

Guido Heuer completou 60 anos em 22 de junho, e está entre os artistas de maior destaque no cenário regional, com exposições por todo o Brasil e exterior. O artista, que nasceu em 1956, em Blumenau, Santa Catarina, tem trajetória artística de 47 anos. Autodidata, iniciou seu aprendizado com o avô, Johannes Heuer, que trabalhava com fundição de metais. Em mais de vinte e oito anos de atividades, ultrapassa uma centena de exposições. Guido Heuer ministrou curso de metal gravado no 'XIV Rencontre International des Educateurs Freinet', em Turim, Itália.

As outras duas exposições ocorrerão no Museu de Arte de Blumenau, no SEST-SENAT e no Ateliê do Artista. Na FURB, a exposição acontece de segunda a sexta, das 7h30 às 22h, e aos sábados das 8h às 17h. É aberto ao público, com entrada gratuita. Mais informações com a Divisão de Cultura FURB, Campus I - Sala L-107 (47) 3321.0937 / 3321.0399, cultura@furb.br e facebook.com/CulturaFURB.



DIVULGAÇÃO

## INSCRIÇÕES PARA O INTERCÂMBIO ACADÊMICO OCORRERÃO ATÉ 16 DE SETEMBRO

As inscrições para o Intercâmbio Acadêmico ocorrem do dia 1 de agosto até 16 de setembro. São várias opções, conforme acordos de cooperação e mobilidade estudantil firmado entre a FURB e as Instituições Estrangeiras Conveniadas, onde os acadêmicos poderão cursar disciplinas em curso de graduação no exterior, com a possibilidade de equivalência de créditos.

Para se inscrever, o estudante deve conferir os requisitos e documentos no edital, disponível neste link: <http://goo.gl/PnkC3x>. A ficha de candidatura pode ser encontrada na área de Intercâmbio, no site [www.furb.br/intercambio](http://www.furb.br/intercambio), lá também encontram-se links das Instituições Conveniadas. Após o preenchimento, o candidato deve entregar a ficha e os documentos exigidos no edital, na sede da Coordenadoria de Relações Internacionais (CRI), na sala A-201, no Campus 1 da FURB. Mais informações pelo telefone (47) 3321-0214, ou pelo e-mail cri@furb.br.

## CINESESC APRESENTA FILMES NACIONAIS E ESTRANGEIROS EM AGOSTO

O CineSESC traz filmes nacionais e estrangeiros em agosto. As sessões ocorrem em todas as quartas-feiras do mês, às 12h30 e 19h, no Espaço de Cinema e Vídeo, no 3º andar da Biblioteca Universitária. Confira a programação:

- 03/08 - CineSesc Apresenta - "Hoje eu Quero Voltar Sozinho";
- 10/08 - CineSesc Apresenta - "O Artista e a Modelo";
- 17/08 - CineSesc Apresenta - "Cinzas do Passado";
- 24/08 - CineSesc Apresenta - "A Grande Beleza";
- 31/08 - CineSesc Apresenta - "O Lobo Atrás da Porta".

Acadêmico de graduação que participar das sessões receberá comprovação de AACCs, que contam para sua formação cultural.

Mais informações com a Divisão de Cultura FURB, no Campus I, Sala L-107, pelo (47) 3321.0937 ou 3321.0399, e-mail cultura@furb.br e pela página facebook.com/CulturaFURB.

# A RECUPERAÇÃO DE LA FRATERNITÉ

Os reflexos de uma sociedade que não se politizou para o outro, mas para si; isto é, que fez do cuidado de si algo isolado e distinto do cuidado para com o outro

*POR LEONARDO BRANDÃO*

Historiador e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da FURB  
<brandaoleonardo@uol.com.br>

**Z**az é uma cantora francesa contemporânea e que fez bastante sucesso com a música *Je Veux* (“Eu quero”), lançada em 2010 em seu álbum de estréia. A talentosa francesa mistura música pop com gypsy jazz e já se apresentou no Brasil em duas ocasiões distintas, em 2014 e 2015. A música *Je Veux*, seu primeiro hit, é de uma energia contagiante. Quem nunca a escutou é só digitar o nome da canção junto ao de Zaz no youtube (há o clipe com a legenda em português). *Je Veux* é uma música inspirada, celebrativa, que canta o amor à vida, à alegria e ao bom humor, fazendo pouco caso de coisas caras, bens materiais luxuosos. A música começa assim:

*“Me dê uma  
suíte no Ritz, eu  
não quero!*

*Jóias da Chanel, eu não quero!*

*Me dê uma limusine, o que é que eu faria?*

*Me dê empregos, o que é que eu faria?*

*A mansão Neufchatel, isso não é para mim.*

*Me dê a Torre Eiffel, o que é que eu faria?”*

Sabemos que a arte tem a capacidade de traduzir sentimentos, estados de espírito, formas de subjetividade. Não só a música, mas a pintura, a poesia e a literatura também. Nesse tema da ostentação (ou da negação a ela), o debate é antigo e pode ser encontrado já na formação do mundo moderno. Thomas Morus, por exemplo, escritor renascentista do século XVI, em seu famoso livro “Utopia”, o qual narra um lugar e uma sociedade ideal, já denunciava, em seu tempo, a existência de pessoas que achavam ser melhores do que outras ao ostentarem “grandes propriedades e todo o tipo de luxo supérfluo”. Entretanto, ao descrever sua ilha

imaginária, ele afirmava: “Esse tipo de coisa, porém, não acontece em Utopia”.

Aprendemos na escola – e, no meu caso, eu ensino aos meus alunos – que um dos eventos que inaugurou nossa era contemporânea foi a Revolução Francesa de 14 de julho de 1789. Para se ter uma idéia de sua magnitude, o historiador Eric Hobsbawm chegou a afirmar que nossa política e ideologias foram constituídas fundamentalmente durante esse processo revolucionário. De fato, nossas noções de esquerda e direita, na política, são frutos da Revolução Francesa, da disputa entre jacobinos (mais ligados ao povo) e girondinos (mais ligados as eli-



tes). Nas palavras de Hobsbawm: “A França forneceu o vocabulário e os temas da política liberal e radical-democrática para a maior parte do mundo”; e por isso esse evento, que pôs fim ao Antigo Regime, acabou sendo o ato inaugural de nossa modernidade.

Mas o que esse acontecimento tem a ver com a ostentação e o consumo do luxo? A resposta quem nos dá é a historiadora norte-americana Lynn Hunt. Num belíssimo texto escrito para a coleção “História da Vida Privada”, Hunt explica que durante o processo revolucionário francês a roupa ganhou uma conotação extremamente política. Em seus discursos revolucionários, por exemplo, o líder jacobino Robespierre criticava a tirania da moda, a vaidade e o amor ao dinheiro. Na busca de uma sociedade mais igualitária, os revolucionários franceses passaram a zombar das extravagantes indumentárias da classe aristocrática (palaciana), pois acreditavam que um vestir sem excessos de ostentação significaria honradez e uma prova de patriotismo. De fato, indagavam os revolucionários: “Como chegar à igualdade se a distinção social continuava a se manifestar no vestuário?”

De lá pra cá a moda se democratizou e se tornou mais acessível a (quase) todos. No entanto, ainda existem aquelas pessoas que buscam se diferenciar menos pelo estilo em si e mais pelo preço de seus carros, das roupas, das bolsas ou calçados. Quem aborda isso numa fala icônica – não se assustem – é o presidenciável Ciro Gomes (PDT), que ressurgiu do ostracismo e anda fazendo fama na Internet com palestras afiadíssimas. Em recente entrevista para o Estúdio Fluxo, Ciro lembrou que nos últimos anos a felicidade foi associada ao consumo, e que as pessoas passaram a ficar fascinadas por calçados caros, por marcas de grife badaladas, objetos luxuosos etc. E ele coloca a questão: “O que faz uma senhora de São Paulo ou de Fortaleza comprar uma bolsa de 50 mil reais? Ora, ela está comprando uma distinção social, ela quer dizer basicamente: Ai imundícia, eu posso e vocês não podem”.

Figura: Nesta imagem podemos observar do lado esquerdo uma típica indumentária da aristocracia francesa, com suas cores e exageros, e do outro o traje sóbrio da burguesia revolucionária. Reparem na expressão de recusa à estética aristocrática feita pela mulher de preto. Fonte: Journal de la Mode et Du Gout, France, 25/08/1790. Disponível em: <http://www.mfa.org/collections/object/plate-1%E2%80%93from-journal-de-la-mode-et-du-gout-cahier-19-454507>

“

**Em tempos soturnos como esses em que vivemos atualmente, marcados pelo ódio ao outro, ao diferente, centrados num individualismo extremado e num reacionarismo de toda espécie, cabe mais uma vez falarmos em nome dos ideais revolucionários franceses, esses que tanto marcaram nossa modernidade: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”; mas dessa vez visando fazer com que os dois últimos (igualdade e fraternidade) não se deixem apagar pelo primeiro.**

Evidentemente, tudo isso é fruto de uma sociedade que não se politizou para o outro, mas para si; isto é, que fez do cuidado de si algo isolado e distinto do cuidado para com o outro. Do lema revolucionário francês: “*Liberté, Egalité, Fraternité*”, acabamos por desmerecer as duas últimas palavras em favor da primeira, mas caímos na falácia de que liberdade se resume à liberdade de consumo e de distinção social.

Embora tenha tido grandes acertos em seus anos de gestão, arrancando milhões da miséria, muitos intelectuais já escreveram que um dos erros do PT à frente do governo federal foi o de não ter promovido a politização da sociedade, criando mais consumidores do que cidadãos. De fato isso é verdade, haja vista o nível do debate público atual. Entretanto, é difícil combater a sociedade de consumo e a “miamização” do pensamento. O neoliberalismo, tão em voga, é uma ideologia voltada ao indivíduo e não ao coletivo, sendo o desmonte da fraternidade uma compulsão do capitalismo verdadeiramente existente em seu estágio pós-moderno.

Começamos com Zaz, vamos terminar com Violeta Parra (1917 – 1967), compositora e artista chilena, uma das maiores expressões da música popular de nossa querida América Latina. Escrita no início da década de 1960, a canção: “*Porque los pobres no tienen*” – que também pode ser ouvida pelo YouTube – aborda a ausência

de fraternidade dos ricos para com os pobres e a consequente demanda para com um Deus ambicionado a ser, para os pobres, o que seu rico hermano, em vida, não é.

A canção começa assim:

“*Porque los pobres no tienen  
adonde volver la vista,  
la vuelven hacia los cielos  
con la esperanza infinita  
de encontrar lo que a su hermano  
en este mundo le quitan*”.

De Violeta Parra a Zaz, de Thomas Morus a Robespierre, nossa contraditória modernidade ergue vozes, produz falas, artistas, músicas e discursos a favor do bem-viver coletivo, da simplicidade da vida, da valorização do elo entre os seres humanos.

Em tempos soturnos como esses em que vivemos atualmente, marcados pelo ódio ao outro, ao diferente, centrados num individualismo extremado e num reacionarismo de toda espécie, cabe mais uma vez falarmos em nome dos ideais revolucionários franceses, esses que tanto marcaram nossa modernidade: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”; mas dessa vez visando fazer com que os dois últimos (igualdade e fraternidade) não se deixem apagar pelo primeiro.

## O POETA, O ESTUDANTE DE DIREITO E A FAXINEIRA

POR OLSEN JUNIOR

Escritor, atualmente ocupa a Cadeira 11 da Academia Catarinense de Letras, também responsável pela Nova Revista da Instituição

**V**oltei lá dez anos depois. O prédio não era mais o mesmo e nem eu. Passei pelo corredor do térreo com aquela algaravia humana reverberando nos meus ouvidos, um som que sempre parece familiar.

Nos murais os avisos e as palavras de ordem mantêm aquela displicência anárquica típica do momento. Com liberdade, aquela que ajudamos a conquistar, fica mais fácil. No segundo andar, em frente da secretaria do Curso de Direito percebo que devo esperar pelo menos 30 minutos ainda. Uma pequena sala de espera tinha sido montada no corredor, sento em um dos sofás e começo a folhear as revistas que estão ali. Uma notícia sobre um congresso na Argentina me transporta no tempo... Quando em 1981 tinha ido representar os estudantes de direito no Iº Congresso Internacional de Filosofia do Direito, em La Plata. A ditadura estava no auge na Argentina. O trajeto de pouco mais de 40 km do Aeroporto de Ezeiza até Buenos Aires, ou às suas margens, era um dos locais preferidos pelos militares para desovarem os corpos de jornalistas e outros que desafiavam o regime. Entre estes outros estava um músico brasileiro que fora acompanhar Vinícius de Moraes e Toquinho, descera para comprar cigarros nas proximidades do hotel e nunca mais foi visto, provavelmente, confundido com alguém. Os barbudos se parecem. Chegar à Estación Constitución às 3h da madrugada e ouvir o potetinho cantando naqueles alto-falantes era de arrepiar qualquer um. Uma vontade de gritar “esta música é nossa”. Depois, uma viagem de trem, mais de três horas até La Plata, uma romaria pelos sebos atrás dos livros de Sartre ainda inéditos no Brasil. O escritor, o jornalista e o estudante boêmio. Três personalidades se manifestando simultaneamente, por conta disso, a busca através da Associação Argentina de Escritores e as inúteis tentativas de localizar Ricardo Rojo, o autor da obra “Meu Amigo Chê”, sequer a substituição por uma entrevista com o então candidato à presidência

do país, certo Raul Alfonsín, foi capaz de aplacar a obstinação inicial. Teimosia que custou um grande “furo”. Mas naquele tempo não possuía o “faro” de um John Reed e o seu “Dez dias que abalará o mundo”, sobre a revolução russa, estar no olho do furacão e ter a consciência disso, eis a questão. Mas, acredito, compensei dias depois visitando, junto com o professor Luiz Fernando Coelho, a residência em que estava hospedado o grande filósofo Carlos Cossio. O criador da prestigiada teoria egológica, que considera a ciência do direito como uma ciência da experiência humana com base na cultura. Apoiava-se na tríade: fato, valor e norma para apresentar o direito. Cossio era um mito, tanto quanto Miguel Reale, que também estava no Congresso. Por comodismo, estava mais ligado na corrente fenomenológica alemã (Husserl e Reinach), para a qual a noção de valor eram fundamentais. A fenomenologia emprestava à investigação filosófica o encargo de captar diretamente tudo aquilo que de imediato nos é trazido ao mundo da específica objetividade da consciência. Daí ao existencialismo é um passo, o motor de tudo é a ação individual, que implica em liberdade subjetiva, que implica na liberdade dos outros. Por intermédio do Estado e da sociedade se constrói uma política. Nessa política, porém, só duas atitudes têm possibilidade de existir. Ou o Estado organiza-se pelo consentimento ou desorganiza-se pela revolta. Penso em revolta, lembro de Camus, do “O homem revoltado” e “O estrangeiro”. Deixo cair a revista sobre os meus joelhos e só então me dou conta do lugar onde estou, e de como sobreveio aquela sensação de ser um estrangeiro no lugar. Quando estava na Argentina, a música do Vinícius de Moraes tocada em quase todos os lugares onde houvesse música fazia uma ponte com a realidade, mas e agora? Todos aqueles anos, subindo e descendo escadas, tomando cafezinho na cantina, bebendo cervejas no “Tritão” ao lado do campus, enfim, apenas imagens nebulosas na memória. Desde que cheguei, não vi uma

única cara conhecida, um nome, sequer a música conseguia ser um referente. O pensamento se detém no vulto que se aproxima no final do corredor, avança lentamente em minha direção. Começo a distinguir os contornos e fixo-me no rosto que parece abrir-se à medida que se torna próximo, sinto o abraço e exclamo “a senhora não mudou nada”, e ela retribui “pensou que não iria te reconhecer”... Rimos. “Espera que já trago um cafezinho”. “Sem açúcar”, brinco. “Não esqueci”, ela responde. Sempre tinha a última palavra, aprendera no meio daqueles estudantes e professores de direito. Bom humor nunca faltara à Ivonete, a faxineira, servente, amiga. Estou pensando nisso enquanto tomo o café, quando ela afirma, “a turma de vocês era mais alegre”, emendando em seguida, “eram bons aqueles tempos”... Ela se afasta e penso que a vida nos torna mais duros, talvez, vendo geração após geração, entrando e saindo daquela Faculdade, o que eram e o que se tornaram, uma testemunha solitária, mas atenta, aquela mulher da limpeza sabia daqueles que retomavam sempre, mantendo o passado vivo; daqueles que nunca mais apareciam, fazendo duvidar de que tivessem existido, ou então, destas ovelhas desgarradas, como eu, que aparecem não se sabe de onde, reavivam aquele fogo brando da memória como se nada tivesse mudado, depois, certos do engano, afastam-se novamente, sem saber para onde, mas acreditando ter feito sempre a escolha certa, como no poema do Vinícius de Moraes “De manhã escureço/ De dia tardo/ De tarde anoiteço/ De noite ardo.../ Eu morro ontem/ Nasço amanhã”! Decido ir embora, a consciência de tudo aquilo apressou a escolha, despeço-me da dona Ivonete e digo que voltarei outro dia, ela dá uma piscadela de assentimento, cúmplice

Daquela promessa que não tem dia e nem hora para se concretizar.

Foi 1º Lugar no Concurso de Crônicas “70 Anos da Faculdade de Direito”, promovido pela fundação José Boiteux, Florianópolis, 2002.

# UM SONHO CULTURAL

Vasto potencial cultural de Blumenau aguarda incentivos e visibilidade. Depende de iniciativas arrojadas, corajosas e independentes

JOAO STEIN

Músico <joao.a.stein@gmail.com>

**H**á uma palavra na língua inglesa chamada *philistine*, que significa “uma pessoa hostil ou indiferente à cultura e às artes, ou que não as compreende”. Objeto central de diversos livros e artigos nas áreas de psicologia, antropologia e economia de jornais e universidades europeus e norte-americanos, essa palavra não possui tradução direta ao português, sendo que a mais próxima é “pessoa inculta”.

Particularmente, isso me preocupa muito, afinal o primeiro passo para resolver um problema é reconhecer sua existência. E esse passo inicial fica consideravelmente mais difícil quando o próprio conceito é vago.

Então vamos nos referir a esse problema como “sociedade inculta”, ok?

Volta e meia aparece alguma pesquisa ou levantamento de alguma organização cujo nome é uma sigla enorme apontando os baixos níveis de cultura da sociedade. Esses números normalmente incluem pessoas que vão a shows e apresentações musicais ou de dança, que visitam exposições e galerias, que vão ao teatro ou ao cinema, e até aquelas que lêem frequentemente - essa última categoria é sempre uma lástima. Porém, não existe guerra sem dois lados... Em outras palavras, não podemos culpar a falta de cultura da sociedade sem também olhar para os artistas e produtores culturais, e avaliar o que estes estão fazendo para desenvolver a cultura. E eu me coloco nesse meio, já que sou diretor da Norte Produções Culturais.

Agora, eu sou contra utilizar a expressão “desenvolver cultura”. Cheguei ao ponto de desencorajar os membros da equipe da Norte de usá-la. Se eu tivesse Um Real para cada vez que ouvi ou li a frase “Precisamos desenvolver a cultura em nossa sociedade”, esse problema não existiria mais... porque eu teria dinheiro suficiente para financiar o desenvolvimento de tudo.

Não se engane: não há dúvida de que qualquer organização ou cidade que decide criar formas de desenvolver cultura precisa, de fato, melhorar e multiplicar suas ações culturais. Então onde está o problema?

Nos anos 1960 e 70, havia uma moda de contar “piadas de elefante”. Por cortesia de meus parentes e amigos mais... hmm... “experientes”... eu ouvi várias dessas piadas, sendo que a única que ficou na memória conta o seguinte:

- Como que se faz uma estátua de elefante?

- Pegue uma pedra bem grande e um talhadeira, e livre-se de tudo que não se pareça com um elefante.

Eu sei: é surpreendente que essa moda hilária tenha durado duas décadas.

Enfim... Assim como esculpir um elefante, o desenvolvi-

mento de cultura é sempre colocado de forma negativa. Em anos trabalhando no setor cultural, sendo os últimos junto da Norte, não consigo lembrar de sequer uma pessoa descrevendo o desenvolvimento cultural de forma positiva: é sempre “algo que precisamos fazer”, nunca “algo que alcançamos” ou “algo que estamos desenvolvendo”. Praticamente toda iniciativa e organização cultural está à deriva neste mar eterno, aos pés desta criatura mitológica chamada “desenvolver cultura”.

Ao que se ouve:

- Há poucas pessoas indo a apresentações e exposições? Precisamos

desenvolver a cultura em nossa cidade!

- Todo mundo quer ir ao seu evento, mas ninguém quer pagar entrada?

Precisamos desenvolver cultura em nossa cidade!

- Não consegue achar patronos e patrocinadores para seu projeto? Precisamos desenvolver cultura em nossa cidade! Pois, o que isso significa, então? Esta criatura mágica que é sempre mencionada quando as coisas não vão bem.

Já percebeu, por exemplo, que os programas que dão certo quase nunca falam desse problema? Isso é porque realizar um projeto cultural da forma certa resulta no desenvolvimento da cultura. “Desenvolver cultura” não é uma estratégia, é um produto.

Quando a frase “Nós precisamos desenvolver a cultura” é acompanhada de uma série de planos e objetivos concretos, utilizá-la não é problema. Mas muitas e muitas vezes ouvi “Nós precisamos desenvolver a cultura” como se esse fosse o plano de ação, e como se isso fosse acontecer por mágica, sem ações de verdade.

Como profissionais da cultura, nós temos que ser mais precisos com nossas palavras, e mais rigorosos com nós mesmos e com a forma como fazemos as coisas. Nós precisamos identificar nossos obstáculos de forma específica, desenvolver soluções palpáveis e resolver os problemas, e somente aí podemos dizer “Nós estamos desenvolvendo a cultura”.

Na Norte, nós realmente acreditamos que a nossa cidade tem um potencial gigantesco para apreciação cultural, e que não precisamos ir a Nova York, Berlin ou Tokyo para experienciar o desenvolvimento da cultura. Há diversas produções incríveis acontecendo em Blumenau, em vários setores das artes, e o público apreciador vem crescendo de forma extraordinária. Nós mesmos, em todas as edições da nossa série de mini-concertos, a Sons do Mundo, temos um público sensacional, que aprecia o trabalho que apresentamos a eles e que vem nos acompanhando edição após edição.

Desenvolver cultura é possível! Tudo que precisamos é continuar buscando patamares maiores e melhores para todos. De resto, há apenas aplausos e sorrisos.



# DA INVISIBILIDADE AO CONHECIMENTO

História da África e Africanidades no Brasil no Currículo e na Sociedade

POR MARCOS RODRIGUES DA SILVA

Pos-Doc em Educação/PNPD/FURB <marcosrit@gmail.com>

**P**orque estudar História da África e a Cultura Afrobrasileira? Recordamos com muita pertinência as reflexões, feitas pelo Prof. Dr. Kabenguele Munanga, quando destaca que o Brasil oferece o melhor exemplo de um país que nasce de encontros étnicos culturais. Mas, os preconceitos culturais e raciais não deixaram de acontecer até os dias atuais.

A questão que devemos pontuar neste contexto conjuntural de Blumenau, Santa Catarina e no Brasil é: Como ensinar História destes povos indígenas e africanos que foi preterida e substituída pela história de um único olhar e registro – o eurocêntrico?

O primeiro desafio, no sentido de superar esta lacuna histórica e de registro histórico, é realizar o rompimento de “um olhar”. Precisamos saber e ter “olhares”. Isto significa “olhar” para o continente africano e reconhecer/encontrar com 54 países. E, para muitos de nós o susto acontece pela grandeza e mistérios que nos deparamos nestes territórios que não pode ser limitado da África, mas “olhares” de África.

Aqui, podemos perceber que estamos diante de histórias milenares, contextos de registros fundados na oralidade, hieróglifos, pinturas, ritualidades, escritos poéticos, lendas, tradições religiosas e demais expressões que precisamos nos aproximar e apreender com muita atenção.

É o reconhecimento de movimentos diaspóricos. Isto é, superar os reduzidos conhecimentos que os povos africanos vieram e são “escravos”. Mas, são povos que mesmo em condições de violência e negação de suas histórias e identidades, são aqui na diáspora afrobrasileira.

Qual o caminho que estão sendo feitos para introduzir esta histórica no espaço das áreas de conhecimento da Escola?

Temos que ter a atenção na luta que o Movimento Negro está construindo desde a metade do século XX até os dias atuais na elaboração uma agenda identitária do ser e conviver afro. A consolidação deste projeto aconteceu a partir da promulgação da Constituição Brasileira de 1988. Neste contexto de ações afirmativas torna-se urgente à ampliação e o aprofundamento das perspectivas conceituais capazes de dar conta da complexidade das dinâmicas culturais, assim, novas leis foram homologadas e novas ações implementadas, entre elas a Lei nº 10.369 sancionada no ano de 2003 que modifica a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional nº 9.394/96 e estabelece o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira no sistema de ensino. Essa lei passa a ser considerada um marco histórico. Simboliza simultaneamente um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira (BRASIL 2009).

Importante que para atingir o exercício deste ensino nos espaços de ensino foi necessário a obrigatoriedade o ensino da história e da cultura afrobrasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e ensino médio tanto público quando privados, e, estabeleceu, no Artigo primeiro, que altera o Artigo 26 da Lei nº 9.394/96, parágrafo 1º e 2º que:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008).

Que caminho tem a percorrer e consolidar a implementação dos conteúdos afro nas escolas?

A realidade que encontramos junto aos profissionais em educação é de um vazio de conteúdos capaz de suprir o exigido na aplicabilidade

de da Lei nº 10. 639 e da Lei nº 11.645. A exigência de uma formação continuada é urgente e deve ser um suporte essencial para que os profissionais em educação avancem na formação de nossos alunos.

Assim, na política educacional brasileira a promulgação dessa lei significou o estabelecimento de novas diretrizes e de práticas pedagógicas que reconheçam a importância dos africanos e dos afro-brasileiros no processo de formação nacional, portanto, deve ser encarada como parte fundamental do conjunto das políticas engajadas com uma educação de qualidade para todos.

Também, é significativo que tenhamos a consciência dos dados estatísticos e do contexto da comunidade escola, demonstram que a educação básica brasileira ainda é marcada pela desigualdade, e uma das marcas mais expressiva dessa desigualdade está relacionada ao aspecto racial.

Segundo o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, “a população afro-descendente está entre aquela que mais enfrenta cotidianamente as diferentes facetas do preconceito, do racismo e da discriminação que marca, nem sempre silenciosamente, a sociedade brasileira” (BRASIL, 2009).

Consideram-se as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, não apenas como instrumentos de orientação para o combate à discriminação, pois elas são também leis afirmativas, reconhecem a escola como lugar de formar cidadãos, e afirmam a relevância da mesma promover a valorização das matrizes culturais brasileiras.

O papel das Universidades, no fortalecimento deste processo de acesso ao pleno conhecimento do povo afrobrasileiro, é pertinente no sentido de estarem comprometidas com o fortalecimento dos valores afros e sua contribuição na formação da identidade nacional.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal/ 1988.

\_\_\_\_\_. CONGRESSO NACIONAL (1996) LDB - Lei 9.394/96. Estabelece Leis,

Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.

Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

Brasília, 2008.

\_\_\_\_\_. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Plano

Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para as

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e

Africana. Junho, 2009.

“

**Como ensinar História destes povos indígenas e africanos que foi preterida e substituída pela história de um único olhar e registro – o eurocêntrico? O primeiro desafio, no sentido de superar esta lacuna histórica e de registro histórico, é realizar o rompimento de “um olhar”. Precisamos saber e ter “olhares”. Isto significa “olhar” para o continente africano e reconhecer/encontrar com 54 países. E, para muitos de nós o susto acontece pela grandeza e mistérios que nos deparamos nestes territórios**

# RECONHECER APENAS MENINOS DE GÊNERO. A REALIDADE SE

Em um momento em que o diálogo perde espaço, restam disputas que objetivam impor pontos de vista. O conflito feminino. Essa perspectiva defende que os dois gêneros provêm da própria biologia ou natureza humana. Para essa perspectiva de que a sexualidade humana é mais complexa, plural e se constrói na dinâmica histórica. Essa disputa

*POR CELSO KRAEMER E CLARICE KLANN CONSTANTINO*

**Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professor do Mestrado em Educação da FURB. E Doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Professora do curso de Direito.**

**O**s debates sobre gênero e educação se intensificaram no Brasil, nos últimos anos. A ação política de pessoas que representam o pensamento de setores da igreja, dos neopentecostais (cristãos da revolução conservadora) aos ateus ou cristãos “vermelhos”, o debate é envolvente. Vivemos um momento em que o diálogo (aprender com o pensamento do outro) perde espaço, restando disputas que objetivam impor seu ponto de vista.

A origem da expressão Ideologia é antiga. Os antigos e Medievais utilizaram a palavra significando o conjunto das ideias e opiniões de um povo, sociedade. Os registros modernos remontam a Destutt de Tracy, que lhe deu o significado de ciência das ideias. Depois Napoleão teria chamado De Tracy e seus seguidores de “ideólogos”, significando deformadores da realidade. Mais tarde Marx, em sua teoria, considera a ideologia como falsa consciência da realidade. Este último significado é o que mais vigora na linguagem social e política atual.

A palavra gênero vem do latim, constituída por herança mais antiga, de línguas Indo-Européia, designando gerar, engendrar. Ela deu origem a muitos vocábulos, como gênio, geral, generoso, genérico. Mas a própria palavra gênero tem muitos significados, bastante distintos entre si, na atualidade, indo da literatura (gênero linguístico), agricultura (gênero alimentício), biologia (gêneros sexuais), aos movimentos sociais (expressões da sexualidade humana). Neste âmbito é que ocorrem as disputas. Uns defendem que a Natureza (ou Deus) definiu apenas dois gêneros sexuais, o masculino e o feminino (perspectiva heteronormativa). Essa perspectiva defende que os dois gêneros (homem e mulher e tudo o que está estabelecido sobre ser homem e ser mulher) provêm da própria biologia ou natureza humana. Para estes, qualquer sexualidade divergente é uma deturpação, anormalidade, doença ou depravação. Outros defendem a perspectiva de que a sexualidade humana é mais complexa, plural e se constrói na dinâmica histórica. Segundo estes, a hierarquização entre os gêneros não corresponde à natureza humana, mas deriva de práticas políticas na sociedade. Em geral, militam pela pluralidade e igualdade (política, moral, econômica) de gêneros. Nesta perspectiva localizam-se, além de intelectuais, pesquisadores, ativistas de Direitos Humanos, estudiosos e ativistas dos diferentes movimentos feministas, LGBT (Lésbicas – homossexuais femininas, Gays – homossexuais masculinos, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Intersexuais). Em Blumenau podemos citar o Coletivo Liberdade (LGBT) e o Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana.

Difícil saber quem teve a iniciativa de juntar as duas palavras, Ideologia e Gênero, construindo um conceito politicamente enquadrado: a Ideologia de Gênero.

Quando se digita no site de busca Google a expressão Financiamento da Ideologia de Gênero, aparecem cerca de 326.000 resultados. Com a expressão Ideologia de Gênero, aparecem cerca de 606.000 resultados. Com a expressão de busca Igualdade de Gênero aparecem cerca de 528.000 resultados, enquanto que, com a expressão de busca Diversidade Sexual aparecem cerca de 1.470.000 resultados.

Analisando os sites que aparecem com a expressão Financiamento da Ideologia de Gênero ou com a expressão Ideologia de Gênero, todos são da perspectiva heteronormativa, defendem a Natureza Humana (ape-

nas Homem e Mulher) e as instituições da sociedade construídas sobre essa divisão. Todos são unânimes em criticar a Ideologia de Gênero. Em alguns sites se afirma que a origem da expressão Ideologia de Gênero teria ocorrido em Pequim, em 1995, no Congresso da ONU, a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres. Consultando o documento, no entanto, apenas aparecem expressões como igualdade de gênero, diversidade de gênero, etc. Muitos destes sites replicam debates sobre um filme/documentário, de Harald Eia, Hjernevask” (2010), que traduzido seria “Lavagem Cerebral”. Este documentário denuncia que a Igualdade de Gênero seria uma prática política de grupos para impor suas ideias, sem nenhuma base científica. Sustenta, ainda, que uma análise científica mostrou a falta de fundamento deste pensamento. A perspectiva heteronormativa, ao transformar uma questão de Direitos Humanos (Diversidade de Gênero e Igualdade de Direitos, combate ao feminicídio, ao preconceito, à homofobia, etc.) em uma questão meramente política, esvaziada de sua bandeira humanitária, classificando-a como apenas uma Ideologia, provocou um novo cenário, praticamente anulando a possibilidade de um diálogo construtivo.

Por outro lado, nos sites sobre Diversidade Sexual ou sobre Igualdade de Gênero, a expressão Ideologia de Gênero não aparece. Isso faz supor que a expressão foi criada como estratégia política da tendência heteronormativa para combater os avanços da tendência que defende a igualdade e a diversidade de gênero. No fogo cruzado entre as duas perspectivas, os Direitos Humanos acabam agredidos e violados de diferentes maneiras.

No Brasil, a discussão das políticas educacionais e dos Planos Decenais, as questões de gênero acirraram os ânimos. A tendência heteronormativa militou para excluir a palavra e as abordagens de gênero dos Planos Decenais de Educação. Mas esta proposta é um contrassenso impraticável, pois o gênero faz parte da organização da vida escolar. A escola fala de gênero o tempo todo. Ela classifica os docentes por gênero; um professor nunca se veste de professora. Isso é falar de gênero. Um menino não pode vestir-se de menina; deles se exige conduta adequada a seu gênero, não se admitindo disfarces ou subversões. Excluir a noção de gênero da escola significaria não mais poder diferenciar um menino de uma menina, pois esta diferenciação é feita a partir do gênero e é constituinte da sexualidade.

Os espaços na escola são todos organizados por gêneros, o banheiro, as filas, as áreas de lazer, a linguagem, vestimenta, corte do cabelo, tudo. Na escola se fala ininterruptamente de gênero, em todas as linguagens. Mais do que em outros espaços, a escola é o lugar do discurso de gênero, mas um discurso machista, hetero, para o qual a homossexualidade é uma afronta.

Problematizar as verdades “naturais” é ampliar as lentes sobre o tema gênero. A escola exerce papel fundamental na construção das identidades de gênero. As condições históricas e culturais de cada sociedade são determinantes na construção do gênero. O gênero, além da genitalidade, remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas, envolvendo intensificações ou interdições, estímulos e regulações. Nessa trama se constroem os papéis, as hierarquias, as normalidades, das quais resultam os comportamentos que hoje chamamos sexualidade. É a partir da categoria gênero que sujeitos LGBT podem ser agredidos ou compreendidos. A imposição heterossexual gera a agressão, enquanto a diversi-

# OS E MENINAS É IDEOLOGIA COMPÕE PELA DIVERSIDADE

to está entre os que defendem que a Natureza (ou Deus) definiu apenas dois gêneros sexuais, o masculino e o feminino. Outros defendem que qualquer sexualidade divergente é uma deturpação, anormalidade, doença ou depravação. Outros defendem que se confronta com uma demanda sobre a diversidade de gênero na construção da identidade.

idade sexual gera a compreensão.

No contexto atual, aceitar falar de gênero é posicionar-se a favor da diversidade, aceitando os gêneros que escapam ao padrão hétero. Militar pela exclusão da ideologia de gênero na educação significa negar a diversidade sexual. Para a escola não falar de gênero todos deveriam ser exatamente iguais, sem discernir menino de menina. Somente nesse caso ela não falaria de gênero. Ao fixar na linguagem e no corpo de cada um o seu gênero, ela está falando e zelando pelo gênero.

A Proposta Curricular de Santa Catarina de 2014 – formação integral na educação básica, incluiu a diversidade como elemento fundante da atualização curricular. Em seu texto, apresenta a diversidade como a construção histórica, cultural e social das diferenças. Ela toma como base as Diretrizes Nacionais para Educação e Direitos Humanos, ressaltando a importância da educação para as relações de gênero e educação para diversidade sexual. De acordo, com a Proposta “falar em gênero é perceber como, para homens e mulheres, para meninos e meninas, a cultura, a sociedade e o atual tempo histórico, constroem diferentes formas de ‘ser masculino’ ou ‘ser feminino’ (masculinidades e feminilidades)” (SANTA CATARINA, 2014, p. 58).

E o documento ainda acrescenta: “uma Educação para a Diversidade Sexual reconhece que, nos sujeitos LGBT, a identidade de gênero assume ainda mais importância na medida em que estão sujeitos a discriminações homofóbicas, lesbofóbicas, transfóbicas e exclusão social” (SANTA CATARINA, 2014, p.59-60).

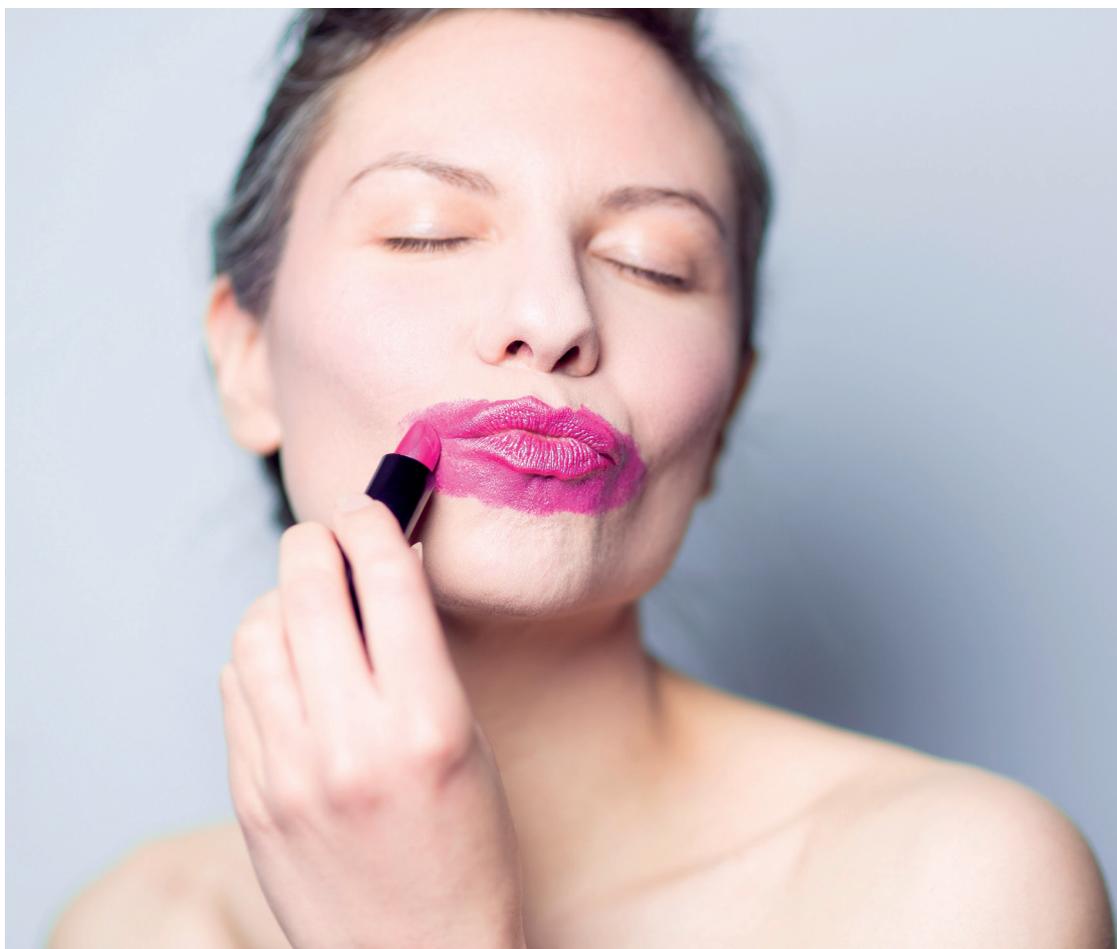
Conforme orienta o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH 311, é preciso garantir, em todas as instituições públicas, o respeito à livre orientação sexual e à identidade de gênero das pessoas, e desenvolver políticas afirmativas e de promoção de uma cultura de respeito, favorecendo a visibilidade e o reconhecimento social des-

ses sujeitos.

Na esfera nacional (Resolução n. 12, de 16/01/2015) e na esfera estadual (Conselho Estadual de Educação, Resolução nº 132 de 15/12/ 2009), se orienta para reduzir a discriminação a travestis, transexuais e transgêneros, garantindo-lhes o acesso e a permanência na Educação Básica.

A normativa catarinense que dispõe sobre o nome social nos registros escolares internos passou a vigorar a partir de 2011 e dispõe em seu artigo 1º:

Artigo 1º: Determinar, quando requerido, que as escolas/instituições vinculadas ao Sistema Estadual de Educação de Santa



GRATISOGRAPHY

## SAIBA MAIS

No último mês, uma escola particular de Blumenau posicionou-se sobre o assunto Ideologia de Gênero nas escolas, compartilhando um texto de autoria da Associação Americana de Pediatras (AAP), que defende a ideologia de gênero como uma forma de “abuso infantil”.

De acordo com os pediatras da Associação, o gênero (psicológico) deve confirmar o biológico, “ninguém nasce com um gênero. Todos nascem com um sexo biológico.” Com o artigo, a AAP também pressiona educadores e legisladores a rejeitarem todas as políticas que condicionam as crianças a aceitarem como normal a personificação química e cirúrgica para o sexo oposto, defendendo que as alterações hormonais em crianças podem trazer o suicídio e danificam os passos da puberdade.

De acordo com a militante feminista Geórgia Martins Faust, o que se chama de saudável está baseado na normalidade de uma sociedade (diferente em cada época e lugar) e não na biologia. “Em meio a esse debate, com forte componente político, ficam os não enquadrados nos padrões héteros, sujeitados às agressões dos preconceitos e da homofobia”, comenta Geórgia nas redes.

Na FURB, um Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade da FURB foi instalado em 4 de novembro de 2015. O objetivo é promover encontros abertos para alunos, pesquisadores, entidades e comunidade.

Sua criação foi recorrente a organização da Política de Desenvolvimento de Ações Permanentes e Articuladas de Temas Transversais (PATT) da FURB, através da Resolução 053/14. Contemplando direitos humanos, gênero, educação ambiental, relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

Catarina que, em respeito à cidadania, ao pluralismo, à dignidade humana, além do nome civil, incluam o nome social de travestis e transexuais nos registros escolares internos. (SANTA CATARINA, 2009, p.1).

As Resoluções, por si não garantem o respeito às diversidades, mas fundamentam o respeito ao princípio da dignidade da pessoa humana. Além disso, são referências que chamam a atenção dos educadores para a temática. Sem a norma as coisas ficariam mais silenciadas e as pessoas que vivenciam a diversidade de gênero, sobretudo os transexuais, teriam seu sofrimento aumentado e encoberto pela aparente moralização (heterossexual) do espaço escolar, fingindo que o sofrimento não existe. Os documentos normativos convocam a escola para aceitar o nome social, alertam a consciência dos educadores e educadoras, para ações efetivas envolvendo o acolhimento, o respeito e a dignidade de todos, inclusive dos diferentes.

O discurso da sexualidade, na escola, sempre esteve ligado à heteronormatividade. O que é novo é ela ter que confrontar-se com uma demanda que vem da sociedade sobre a diversidade de gênero na construção da identidade da pessoa.

### Referências

SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação Integral na Educação Básica. [S.l.]:Secretaria do Estado da Educação, 2014.

SANTA CATARINA. Resolução nº 132 de 15 de dezembro de 2009. Dispõe sobre a inclusão do nome social de travestis e transexuais nos registros escolares internos e dá outras providências. Disponível em: < <http://www.cee.sc.gov.br/index.php/legislacao-downloads/educacao-basica/outras-modalidades-de-ensino/educacao-basica/educacao-basica-ensino-especial-resolucoes/1133-1133>>. Acesso em: 17 jul 2016.

# CARTA DAS MULHERES PARA A CIDADE DE BLUMENAU

Em Blumenau, a discussão sobre o papel da mulher na construção das cidades está em curso e envolve coletivos e mulheres que participaram da primeira fase da pesquisa “A participação da mulher na construção da cidade contemporânea: contribuições para um novo modelo de planejamento urbano em Blumenau/SC”

*POR DANIELA P. G. SARMENTO*

Arquieta e Urbanista Mestranda em Desenvolvimento Regional da FURB < [daniela@terra.arq.br](mailto:daniela@terra.arq.br) >

**Q**ual o papel da mulher na construção da cidade contemporânea? Como e para quem as cidades são construídas? Essas questões provocam a reflexão sobre o direito de todos ao acesso à cidade, mas aqui serão tratadas sob o recorte específico acerca do direito das mulheres à cidade, para ajudar a pensar em que medida se dariam as transformações na cidade caso suas demandas fossem atendidas e também se houvesse maior participação das mulheres nas instâncias de decisões políticas e de planejamento das cidades.

Para iniciar essa reflexão cabe entender o significado da inclusão da perspectiva de gênero no urbanismo como proposta de trazer novos valores para pensar o desenvolvimento das cidades, uma vez que os valores atribuídos ao gênero feminino, como cuidado e atenção as pessoas, são valores poucos valorizados pela lógica patriarcal e mercantilista que há séculos vem determinando e desenhando a cidade com prioridade para atender as demandas dos fluxos produtivos e não das necessidades cotidianas das pessoas.

Esse conjunto de valores se deu além das regras impostas pelas instituições, foi uma questão cultural que sustentou uma ideologia dominante patriarcal, que teve seu apogeu no século XII, onde se desenvolveu um arcabouço de justificativas para embasar o caráter inferior da mulher e posicioná-la na condição de procriadora. Essa condição limitou a emancipação da mulher restringindo seu papel às questões domésticas, familiares e de forma subalterna, sem direito à propriedade, sem direito a defender seu próprio corpo e sem acesso à cidadania.

Porém, a história das mulheres não se restringe aos limites impostos por essas instituições, elas estiveram presentes e integradas na construção do espaço construído, porém permaneceram invisíveis com as atividades e funções que desempenharam, não usufruindo da cidade e tendo acesso apenas a uma parte dela. As mulheres estiveram presentes em todo o processo de desenvolvimento das cidades, porém poucos registros relatam sua participação. Pode-se concluir que a história da cidade é contada pela ótica da participação do homem, tendo a parte

da participação da mulher omitida.

Essa omissão não diminui o papel histórico da mulher no processo de formação da civilização humana. Gonzaga aponta que “segundo as feministas, a luta da mulher por sua libertação e autonomia já dura milênios e ela vem transformando decisivamente o modo de pensar da humanidade”. Desta forma, pensar o planejamento urbano a partir do olhar de gênero, com enfoque na participação da mulher e com isso incluir todas as minorias, significaria pensar a partir de uma nova sensibilidade urbana, voltada a incluir as vozes de outros coletivos que historicamente foram invisíveis para o pensamento urbano generalista, funcionalista e que atua tradicionalmente em grande escala.

Se, ao identificar que, historicamente, os espaços construídos não contemplam as necessidades das mulheres, como sujeito de seus destinos, eles devem ser revistos. E para que essa revisão possa acontecer, o Estado democrático e de conteúdo social é a principal instância a que a sociedade e suas organizações devem se dirigir, a fim de que a população feminina que corresponde a mais de 50% da população nacional, seja ouvida e participe. Dessa forma a tensão aumenta e piora a condição da mulher, uma vez que as mulheres acumulam a segregação de classe social e a segregação por sexo. Diante deste fato, reforça-se a necessidade de tomada de consciência desta vulnerabilidade e a importância de se organizar, enquanto força política, para ter condições de ocupar espaços políticos e participar da gestão das cidades. Direito garantido pelo Estatuto da Cidade, assim como

nos organismos de políticas públicas para as mulheres.

O tema sobre o direito das mulheres à cidade vem sendo debatido em importantes fóruns, nacionais e internacionais e percebe-se o avanço dessa discussão tendo esse tema como pauta no Habitat III - terceira Conferência das Nações Unidas sobre Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável, que acontecerá em outubro deste ano, em Quito, no Equador, quando a questão da igualdade de gênero está inclusa entre os 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável para o milênio e em um momento histórico em que as Nações Unidas declara que “O espaço urbano não oferece igualdade de tratamento para homens e mulheres” diante deste contexto. Fica claro que existe uma mudança de paradigma em curso e que é preciso atenção para transformar essa realidade.

A busca por alternativas para o desenvolvimento urbano e novos modos de usar e participar da cidade é o desafio que se coloca. São poucos os municípios que conseguiram incluir de forma estratégica a questão de gênero em suas políticas urbanas, pois a maioria dos municípios brasileiros ainda as têm como uma representação ideológica, que não refletem a demanda da cidade real, sua diversidade de classes sociais, gênero, cores, faixas etárias, orientação sexual e deficiência física. Um exemplo são os planos diretores, em que a maioria se atém às dimensões estruturais, deixando de apontar propostas de ação, políticas setoriais, afirmativas e transversais que venham melhorar o habitat, assim como o desenvolvimento social e econômico (GONZAGA, 2011).

Em Blumenau, essa discussão está em curso envolvendo diversos coletivos e mulheres da cidade que participaram da primeira fase da pesquisa “A participação da mulher na construção da cidade contemporânea: contribuições para um novo modelo de planejamento urbano em Blumenau/SC” que está sendo realizada por mim no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e pelo Laboratório de Estudos Contemporâneos, com orientação do Professor Dr. Leonardo Brandão. Durante o primeiro semestre de 2016, foram realizados 8 encontros presenciais envolvendo mais de 100 mulheres de diferentes perfis sócioeconômico para uma pesquisa qualitativa, além da pesquisa online com 80 mulheres que responderam ao questionário “Lugares das Mulheres”. Esse exercício teve como objetivo identificar a percepção e demandas das mulheres sobre os seus direitos à cidade. Uma parte do conteúdo deste debate resultou na construção coletiva da Carta das Mulheres para Cidade de Blumenau, documento que sistematizou as principais demandas das mulheres para cidade.

A Carta foi lida e protocolada durante a realização da sexta Conferência Municipal das Cidades, realizada em 4 junho de 2016 na cidade de Blumenau. O encontro trouxe como lema central “Cidades inclusivas, participativas e socialmente justas” tendo como objetivo identificar os problemas enfrentados na cidade e buscar, de forma participativa, soluções para ampliar e garantir o direito à função social da propriedade e garantir a qualidade de vida nas cidades. O conteúdo debatido e protocolado durante a Conferência das Cidades foi encaminhado para o processo de Revisão do Plano Diretor de Blumenau e para Conferência Estadual das Cidades, que acontecerá no segundo semestre de 2016. Cabe ressaltar a ampla participação do movimento de mulheres neste encontro, e o número expressivo de mulheres eleitas como delegadas para acompanhar o processo da discussão sobre a cidade, na Conferência Estadual das Cidades.

Conheça as principais demandas inscritas na Carta das Mulheres para Cidade de Blumenau:

1 - Sobre a participação da mulher na cidade

Inclusão das questões de gênero na formulação da lei do Plano Diretor das cidades como um capítulo de caráter transversal e integrado com todas as secretarias do município.

Estimular e criar condições para que as mulheres participem das discussões sobre a cidade, facilitando os horários, realizando

“

**O tema sobre o direito das mulheres à cidade vem sendo debatido em importantes fóruns, nacionais e internacionais e percebe-se o avanço dessa discussão tendo esse tema como pauta no Habitat III - terceira Conferência das Nações Unidas sobre Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável**

os encontros em locais descentralizados, disponibilizando o espaço para as crianças poderem acompanhar as mães que não têm com quem deixar seus filhos durante as atividades.

## 2- Sobre a segurança das mulheres na cidade

Incorporar oficialmente, no sistema de equipamento urbano da cidade, espaço para acolhimento e apoio às mulheres vítimas de violência, incluindo a estruturação da delegacia da mulher, plantão de apoio e assistência social bem como ampliar a quantidade de casas de apoio às mulheres.

Criar lei responsabilizando donos de terrenos baldios e abandonados pela manutenção e constante limpeza para mantê-los com visibilidade, pois esses espaços representam a principal causa de insegurança para as mulheres na cidade.

Criar lei específica para incentivar que todos os prédios residenciais, comerciais e públicos, tenham abertura e uso prioritário virado para lado da rua, evitando assim longos percursos vazios, sem vitalidade.

Criar plano de iluminação pública para dar visibilidade em locais mais distantes e isolados, próximos a pontos de ônibus e equipamentos públicos.

Estimular a diversidade de uso nos bairros com atividades comerciais, culturais, lazer, educacional e de saúde, com horários de funcionamento diversificados para atender a demanda das mulheres fora dos seus horários de trabalho.

## 3 - Mobilidade e acesso à cidade para as mulheres

Considerar como prioridade os investimentos em transporte público, pedonal e ciclovitário.

Criar sistema de transporte público que garanta mais horários para atividade da reprodução e mais segurança para idosos e crianças.

Ampliar a disponibilidade de horários de ônibus, criando um sistema pautado nas diversas demandas das cidades, levando-se em consideração a condição dos usuários, como por exemplo criar linhas exclusivas para estudantes, linha para interligar os equipamentos de saúde, ampliar os horários durante o final de semana para estimular os passeios e sociabilização.

Ter um plano de arborização e calçadas que dê condições de caminhabilidade para todos, mulheres gestantes, carrinhos de bebê, idosas, cadeirantes, deficientes visuais, mobilidade reduzida.

Dar prioridade para implantação do sistema de ciclovias, a bicicleta representa um forte aliado à mobilidade para execução de todas as tarefas cotidianas, ligadas à reprodução e à produção, mas para as mulheres em especial, devido à possibilidade de se locomover com maior agilidade e autonomia.

Disponibilizar os pontos de ônibus em locais iluminados e próximo de vitalidade. Permitir descida em qualquer lugar da cidade após as 20h apenas para as mulheres.

## 4 - Equipamentos públicos e gestão da vida cotidiana

Criação de um sistema de equipamentos de ensino para atendimento em tempo integral para creches e escolas articulados com espaços e programas de cultura, arte e lazer e cidadania

complementares. Que os espaços educacionais sejam prioridade de investimento público nas cidades.

Criar programa de incentivos fiscais, renda e suporte técnico para criação de renda e empreendedorismo para mulheres.

Implantar nos espaços públicos estrutura para acolher mães, crianças e idosos, com infra-estrutura de banheiros, fraldários e bebedouro.

Reservar áreas verdes na cidade para implantação de parques e praças e áreas de preservação ambiental, com estrutura de lazer para todas as idades, atividades coletivas e educação ambiental para todas as idades.

Utilizar com prioridade as áreas residuais da cidade, cedidas pelos loteamentos, para criar um sistema de micro praças e equipamentos públicos descentralizados com diversidade de uso, como por exemplo: hortas comunitárias, feiras, parque infantil, campo de futebol, biblioteca, mini praças, pista de skate, patins, quadra de vôlei, etc.

Criar programa de segurança alimentar criando sistema de hortas comunitárias, feiras livres com preços acessíveis e descentralizados na cidade, estimular a agricultura familiar e urbana.

## 5- Habitação

Atender com urgência a falta de segurança vivida pelas famílias dos condomínios residenciais do Programa “Minha Casa Minha Vida” e moradores de áreas de riscos. Pois essa condição de vulnerabilidade afeta diretamente a vida de todos, mas em especial a vida das mulheres, por serem em sua maioria responsáveis pela administração do cotidiano e do sustento de suas famílias.

Garantir e ouvir as mulheres moradoras das áreas de risco e conjuntos habitacionais para elaboração das políticas públicas habitacionais, assim como tornar os projetos habitacionais participativos.

## Referências

GONZAGA, Terezinha de Oliveira. A cidade e a arquitetura também mulher: Planejamento urbano, projetos arquitetônicos e gênero. São Paulo: Annablume, 2011. 336 p.

MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida. Arquitetura e Política: Ensaio para mundos alternativos. São Paulo: GG, 2014.

PARENTE, Temis Gomes. Desenvolvimento Regional da perspectiva de Gênero. Projeto História, São Paulo, v. 0, n. 45, 2012. p.269-284,

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

[https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScz1Gsh-oLVÍwCiYZLYxDwDW0Ak-\\_84aG18JqHKL3-k6HZLVg/viewform?c=0&w=1](https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScz1Gsh-oLVÍwCiYZLYxDwDW0Ak-_84aG18JqHKL3-k6HZLVg/viewform?c=0&w=1), acesso em \_\_/06/2016.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/LEIS\\_2001/L10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm), acesso em \_\_/06/2016.

<https://www.habitat3.org/>, acesso em \_\_/06/2016

<https://www.habitat3.org/bitcache/6152487d463cc5f9b70ac32fc32321cf31f59953?vid=542862&disposition=inline&op=view> acesso em \_\_/06/2016.

<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/10/agenda2030-pt-br.pdf>, acesso em \_\_/06/2016.

# CAMPANHA BICICLETAS NAS ELEIÇÕES PROCURA PARCERIAS EM BLUMENAU

FOTO: LUIZ GUILHERME GIOVANELLA ANTONELLO



A Associação Blumenauense pró-Ciclovias (ABC) traz a campanha Bicicletas nas Eleições a Blumenau. A ação procura parcerias de entidades da cidade para a elaboração de propostas, que serão entregues aos candidatos das eleições municipais deste ano. A iniciativa parte da ABC, que se juntou à União de Ciclistas do Brasil (UCB), a criadora da campanha no país. O objetivo das propostas é discutir com a sociedade maneiras para melhorar a mobilidade urbana, envolvendo ciclistas e pedestres.

Iniciada no dia 27 de julho em Blumenau, a campanha pretende elaborar uma carta compromisso para os candidatos a prefeito e vereadores das eleições municipais de 2016. Entre os pedidos estão: a diminuição das velocidades nas vias; construções de mais ciclovias e ciclofaixas.

A organização UCB selecionou 20 cidades para a ação, no início da campanha. Hoje, já são mais de 40 em todo o país. A entidade, em 2014, enviou uma carta compromisso para os candidatos a presidência. Para mais informações, acesse [www.bicicletanaseleicoes.org.br/](http://www.bicicletanaseleicoes.org.br/), site da campanha nacional. Para informações em Blumenau, acesse [www.facebook.com/ABCiclovias/](http://www.facebook.com/ABCiclovias/), e também fique atento às páginas dos apoiadores da campanha na cidade: [www.facebook.com/MinhaBnu/](http://www.facebook.com/MinhaBnu/) e [www.facebook.com/bikeanjoblumenau/](http://www.facebook.com/bikeanjoblumenau/).

O encontro ocorreu dia 27 de julho no Galpão de Arquitetura da FURB e reuniu lideranças de diversos coletivos da cidade

# ENTRE MELODIAS DE AMOR

Foto: Mariana Florêncio

Graduada em Música pela FURB, a cantora Mareike Valentin busca apoio para o lançamento de seu segundo CD, o álbum "Dois", sobre relacionamentos

*POR MAGALI MOSER*

Jornalista <magali.moser@gmail.com>

**E**m tom de vermelho vivo, a casa destoa das demais construções da rua, no Bairro da Velha. A cor forte e quente pode também ser vista como um indicativo da intensidade de quem mora ali. Toco a campainha e ela vem me receber com um sorriso de orelha a orelha e a mesma simpatia que demonstra no palco. Oferece um chá ou café e faz com que me sinta em casa. Mareike Valentin divide sua rotina entre as atividades como preparadora vocal, professora de canto popular, esposa, mãe e cantora. Praticante de aulas de coro desde a infância, com o incentivo da mãe, e graduada em Música pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), ela largou o trabalho como bancária há oito anos para se dedicar com exclusividade à música.

Em comparação das apresentações iniciais, em bares noturnos de Blumenau, à cantora desenvolveu dos shows atuais, um longo caminho se fez. Ela se prepara agora para gravar o seu segundo CD, o álbum "DOIS". Em show no dia 19 de junho, no pequeno auditório do Teatro Carlos Gomes, Mareike lançou a campanha de financiamento coletivo cuja arrecadação já superou R\$ 10 mil. A mobilização é uma aposta para manter a independência e tem duração de 60 dias com encerramento em 18 de agosto.

As peculiaridades da casa onde vive com o letrista, escritor e dramaturgo Gregory Haertel não estão apenas do lado de fora. Na sala, duas estantes lotadas de CD's revelam um hábito cultivado pelo casal cada vez menos comum em tempos de downloads. Nas prateleiras, destaque para clássicos da música popular brasileira e também para os contemporâneos. Milton Nascimento e Elis Regina, Juliana Amaral e Diego Moraes estão entre as preferências da cantora nascida na Alemanha, que veio aos seis anos para Pomerode. Ela carrega no nome parte de suas origens. Mareike é uma variação holandesa de Maria. Radicada em Blumenau, herdou da mãe a paixão pela música.

Na casa onde vive com Haertel, explica que o objetivo da campanha lançada em junho é arrecadar R\$ 30 mil para a produção do seu novo CD. O álbum reúne canções de Haertel, em parceria com compositores brasileiros. O enredo aborda histórias sobre casais, relacionamentos, brigas, reconciliações, encontros e desencontros, mas principalmente, o amor. Por isso, a cantora tinha uma preocupação e receio em apresentar a proposta. Por isso, fez uma fala sobre tolerância e a intenção de despertar as pessoas para o amor na abertura do show, em que das 14 músicas, 13 eram inéditas.

"Não queria que ficasse com a impressão de que vivo em um 'mundo cor-de-rosa', com tudo o que estamos vivendo", observa, ao se referir aos casos de preconceito e xenofobia espalhados pelo mundo.

Mareike desistiu da vida tranquila como caixa bancária para se en-

tregar à incerteza como professora de música em nome de uma paixão. No período de transição, saiu de Pomerode para morar em Blumenau, e conheceu Haertel, com quem teve o filho Tom, nascido em fevereiro de 2012.

Em meio a essa explosão de sentimentos e turbilhão de sensações, lançou o primeiro disco, que leva seu nome. Leandro Braga, que produziu o disco, também dirigiu o show. O pianista, que também atua como produtor musical dos shows de discos de Ney Matrogresso, foi receptivo ao contato, feito de forma despretensiosa pela cantora por e-mail. O álbum apresenta ainda parcerias com o amigo Pochyua Andrade, o marido e dramaturgo Gregory Haertel, além de composições de Tom Zé, Pedro Luís e Zé Renato. As repercussões com o lançamento do primeiro CD tornaram a cantora mais conhecida no Estado. O show teve circulação pelo SESC em sete cidades do Estado, em 2014, com uma participação média de 50 pessoas por apresentação.

"Até então eu nunca tinha cantado para pessoas que não fossem amigas. Foi uma grande experiência", relembra a cantora.

Mareike já dividiu o palco com a cantora Margareth Menezes, em 2015, no Festival de Inverno de Gaspar. Outros momentos marcantes foram o show "Não vou jogar o chapéu", com Edu Colvara, em 2014, e "Tons", com Leandro Braga. Do novo CD, "Infame" é uma das que mais faz sucesso. Foi a citada pela plateia como bis no show de lançamento do álbum, em junho. Mareike acredita que a letra foi bem recebida porque as pessoas se identificam com a humanidade expressa na obra.

A música foi o ponto de partida para o novo álbum. Mareike apresentou a canção no show em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, promovido pelo SINSEPES na FURB em março de 2015. Quando subiu ao palco, em junho para o lançamento do álbum, os comentários mais frequentes eram sobre o corte das suas madeixas, feito propositamente para o show. "Nesse show talvez a gente tenha atingido uma unidade não antes atingida, de vários elementos dentro da concepção de música, cenário, figurino... tudo foi muito pensado", conta. Mareike fez o curso de Música na FURB em quatro anos e meio e se graduou em 2013. No curso, encontrou um grande entusiasta, o professor de coro Eusébio Kohler: "Ele é muito importante na minha caminhada musical. É um grande amigo e pra quem eu mostro tudo que faço, antes de mostrar ao público", comenta.

O professor Eusébio também foi ouvido pelo Expressão sobre a cantora: "Uma das coisas importantes, na minha visão, a destacar da carreira da Mareike, é o crescimento e a identidade artística que ela vem construindo com muita determinação, coragem e competência."

Isso se intensificou nesses últimos anos e, penso, que boa parte de se deve ao fato de ela ter assumido um repertório de composições inéditas, muitas feitas por compositores aqui da nossa região”, considera. E conclui: “na verdade, como ex-professor, sou fã e vibro muito com cada conquista dela”.

Mareike resistiu ao apelo para o “Crowdfunding” (financiamento coletivo). A experiência de cantores que não conseguiram o valor estipulado a deixou receosa. Mas ela está animada com o movimento e o apoio de fãs e amigos. Também se surpreende quando olha para trás. “Tudo foi acontecendo. Nunca tive a pretensão de ser professora de Música, mas descobri que o canto é minha paixão e que poderia trabalhar isso na faculdade”, relata. “A música me permite essa coisa de ser meio inquieta. Na música eu consigo realizar essa vontade de estar sempre mudando, saindo da zona de conforto, como boa sagitariana”, brinca. Mareike tem um desafio como cantora: “Deixar de ser certinha. Sempre fui muito preocupada com a técnica. Quero me libertar do compromisso de ser perfeita”, desabafa. “A pressão e a cobrança pelo ‘belo’ na música nos deixa muito engessados. Tem que ser de verdade. As pessoas precisam entender o que eu quero dizer. Não faço estripulias, mas procuro ter compromisso com o que eu falo. Então procuro falar do que eu acredito. Quero poder não me preocupar tanto com a forma”, comenta, ao citar A Mulher do Fim do Mundo, o último CD de Elsa Soares.

A entrevista termina. Mareike me acompanha até a porta. A despedida tem a companhia e a sonoridade dos latidos da cachorra Panqueca, batizada assim pelo filho do casal. Deixo a casa na torcida pelo lançamento do segundo CD. Na esperança de que o cenário cultural da região receba um novo impulso com a produção e que o público reconheça iniciativas alternativas e independentes, como forma de permitir a visibilidade de novos talentos.

**“Acompanho a Mareike desde os seus primeiros passos com cantora solo e é notável o seu desenvolvimento desde lá. Os seus últimos trabalhos mostram uma artista segura e disposta a sair da zona de conforto, mais livre, mais ousada, mais mulher. Uma artista que entende que pode ser contundente sem deixar de lado a ironia, que pode ser “séria” sem deixar de lado a naturalidade, que pode manter a sua relação de amor com a MPB sem deixar de estar atendida com as novas tendências. A artista Mareike, que eu tanto admiro, está cada vez parecida com a mulher Mareike, que eu tanto amo. E, na minha opinião, é isto que torna qualquer trabalho artístico relevante: que a gente encontre, na arte, a “alma” do artista. E a “alma” da Mareike agora está aí, exposta pra qualquer um ouvir.”**

**Gregory Haertel, escritor, letrista, dramaturgo e também companheiro de Mareike Valetin**



FOTO: MARIANA FLORÊNCIO

## SOBRE A CANTORA

Radicada em Blumenau, desde 1986, Mareike Valetin nasceu em Rheinfelden, na Alemanha. Iniciou os estudos musicais aos sete anos e, desde 1998, aperfeiçoa a técnica musical e vocal por meio de cursos com músicos de diversas partes do mundo. Lançou o primeiro álbum em 2012, sob a direção musical do pianista, compositor e arranjador Leandro Braga. Em 2014, realizou turnê pelo Circuito Rede SESC de Teatros, por toda Santa Catarina. Atualmente, faz preparação vocal com Felipe Abreu (RJ) e dedica-se a três projetos: o trabalho com a sua banda (desde 2010), o show “Não Vou jogar o chapéu”, em parceria com o músico Edu Colvara e o letrista e escritor Gregory Haertel e o mais recente trabalho, o show “Tons”, em parceria com Leandro Braga e Gregory Haertel, que teve estreia em agosto de 2014. É Licenciada em Música pela Universidade Regional de Blumenau (FURB) e mantém atividades como cantora, preparadora vocal e ministrante de oficinas de curta duração voltadas para cantores. É professora de Canto Popular na Escola de Música do Teatro Carlos Gomes, em Blumenau. Acompanhe as notícias e as novidades pelo [www.facebook.com/mareikevaletin](http://www.facebook.com/mareikevaletin) ou [www.mareikevaletin.com.br](http://www.mareikevaletin.com.br)

## SOBRE A CAMPANHA DE FINANCIAMENTO

Para participar e apoiar é só acessar o link [www.kickante.com.br/campanhas/doi-o-novo-cd-de-mareike-valentin](http://www.kickante.com.br/campanhas/doi-o-novo-cd-de-mareike-valentin). Além de ajudar na produção do disco, o público e fãs de Mareike podem adquirir recompensas como: CDs autografados, camisetas, aulas de canto, inclusive, pocket show com a cantora (piano e voz). Em DOIS, Mareike Valetin está acompanhada dos músicos Junior Marques (piano), Caio Fernando (baixo), Mayla Valetin (percussão) e Jimmy Allan (baterista). O prazo para a cantora arrecadar R\$30 mil para a realização do projeto é 18 de agosto. Acompanhe as notícias e as novidades pelo [www.facebook.com/mareikevaletin](http://www.facebook.com/mareikevaletin)

# PRIMEIRO, UM NOVO ADULTO

*POR THIAGO R. BERTO*

**Fundador Cidade Escola Ayni <[thiago@fundacaoayni.org](mailto:thiago@fundacaoayni.org)>**

Tudo o que desejamos que mude, em nosso meio, em nossa sociedade, ‘fora de nós’, está ali fazendo um papel importante a ser honrado em nosso caminho evolutivo como espécie, como civilização, como espíritos. Tudo o que consideramos ruim, como um governante corrupto, um sistema de ensino falho, um modelo econômico injusto, um relacionamento frustrado, está aí pulsando como um alarme em nossa vida e pedindo atenção, como dizendo: ‘olhe para mim, me reconheça, e perceba que já não precisa mais de mim, que já pode seguir adiante para outras experiências e aprendizados’. O universo nos presenteia com espelhos para que, passo a passo, tomemos consciência que a mudança é interna. Reconhecer que o que está fora, e pode parecer mal, é um convite para olhar para dentro. E aí entra nossa visão que com carinho queremos compartilhar de uma nova educação.

E assim fazemos uma ponte com a educação. Tudo está conectado, Hermes Trimegisto disse que o que está em cima, está embaixo, o que está fora, está dentro. Seres humanos conscientes de sua necessidade de uma viagem

interna, de melhorarem a si mesmos, de reconhecerem a suas sombras, de serem mestros de suas próprias vidas, vão muito naturalmente expressar uma nova realidade em todos os pilares de nossa sociedade. Tudo que aí está é uma expressão do absoluto, do um, do mesmo ‘todo’. Platão dizia que ninguém pode governar um estado, se não governa a si mesmo. E assim faço uma ponte com a educação. A nova educação, parte muito antes de uma nova abordagem de ensino, outra pedagogia ou na escolha, se o correto é foco no aluno ou no professor. A nova educação parte do ponto inicial de todas mudanças: o ser humano, que se sente conectado com o todo, que se sente intimamente responsável e honra tudo o que está em sua volta. E que ao sentir-se conectado naturalmente percebe que há de deixar as coisas, os outros, apenas serem.

E assim começamos a expressar na prática uma das faces do que viemos aprender: o amor, o não controlar, o deixar livre, o deixar ‘ser’. Se nos sentimos honrados e conectados com a natureza, deixamos a natureza ser, se nos sentimos conectados e honramos os animais, deixamos eles serem o que

são, e muito importante, se nos percebermos todos como uma mesma família divina, espiritual, experimentando e procurando juntos evoluir nesse plano, vamos ser agradecidos, e honrar todos humanos, a começar pelas crianças. E então, deixemos as crianças serem! Pois o que as crianças são? São nossos mestres, em uma expressão espiritual, pequenos ‘Budás’, ‘Cristos’, pequenos gênios, sim, como um Da Vinci, como um Mozart.

O novo educador, é um novo ser humano, que confia, que tem uma fé cheia de coragem e que aceita perder o controle. Que sabe que as crianças vão aprender o que devem aprender e, que tudo é permeado de uma sabedoria e perfeição. O novo educador, entende o quanto sagrado é, e é grato por estar aqui. E então olha para as crianças, e as honra. As permite expressar sua natureza, seus propósitos como espíritos conscientes de sua existência, O novo educador é um guardião dos locais onde essas crianças se reúnem para experimentar, brincar, aprender, se expressar. Olhe para si, encontre seu eu, esteja em paz, e expresse esse estado equânime ao seu redor.



# CURTAS

## O DOCUMENTÁRIO A PONTE TEM PREVISÃO DE SER FINALIZADO EM NOVEMBRO

As filmagens do documentário A Ponte acontecem na cidade, e a produção tem previsão de ser finalizada em novembro. O filme de 30 minutos retrata as múltiplas realidades sociais, culturais e econômicas das regiões centrais e periféricas de Blumenau. Com foco nos relatos de moradores desses locais, o objetivo é debater a participação cidadã para a transformação e redução das diferenças sociais. O documentário é patrocinado pelo Fundo Municipal de Apoio à Cultura, no edital 003/2015. Com pouco mais de R\$20 mil, o material começou a ser produzido no final de junho. A Ponte circula pelos bairros periféricos e nobres da cidade para a coleta de informações sobre a realidade de cada local, para buscar entender o motivo das discrepâncias entre lugares tão próximos. Moradores, pesquisadores, funcionários públicos e envolvidos com a pauta da pobreza e favelização na cidade serão entrevistados, trazendo dados e informações e importantes para a contextualização do assunto.

Após finalizado, o material será exibido em seis espaços da cidade, de maneira gratuita: as escolas Vidal Ramos e Almirante Tamandaré, praça Dr. Blumenau, OFFcina Café Coworking, FURB e Casa do Arquiteto receberão as sessões, que vai contar com um bate-papo com a equipe de produção falando sobre o processo de gravação do documentário. Após essas exposições, o filme estará à disposição para download na página do projeto, fomentando o debate e integrando poder público e sociedade civil na construção de soluções para as questões levantadas.

## CRIAÇÃO DE CONSELHO DOS DIREITOS DA MULHER É Pauta DE AUDIÊNCIA PÚBLICA EM BLUMENAU

Uma Audiência Pública no plenário da Câmara Municipal de Blumenau para discutir a proposta de projeto de lei que visa à criação do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, ocorreu em 3 de agosto, em Blumenau. O objetivo é sensibilizar a comunidade para participar do projeto de lei que pretende implantar o Conselho cuja finalidade é a defesa dos direitos das mulheres em aspectos como saúde, educação, trabalho, política. A proposição é da vereadora Evelin Huscher (PT) e foi feita a partir da II Conferência Intermunicipal de Políticas para as Mulheres do Médio Vale do Itajaí, ocorrida em setembro de 2015. A aprovação depende de tramitação na Câmara de Vereadores. Blumenau é uma das poucas cidades de médio porte do Estado a não dispor de um conselho. Ao todo, 33 cidades do Estado contam com um Conselho Municipal dos Direitos da Mulheres.



DIVULGAÇÃO

## 5ª PARADA LGBT LEVA CORES E DIVERSIDADE PARA A RUA XV DE NOVEMBRO EM BLUMENAU

O Coletivo LGBT Liberdade" promoveu dia 24 de julho a edição da 5ª Parada LGBT de Blumenau. A concentração partiu da Rua das Palmeiras, em direção ao Teatro Carlos Gomes, onde ocorreu um manifesto, e seguiu até a praça em frente ao prédio da prefeitura. Entre as reivindicações do grupo, o direito à identidade social, a criação de uma Secretaria Municipal de Direitos Humanos e de um Conselho Municipal LGBT. Fundado em 2008 em Blumenau, o movimento LGBT Liberdade surgiu como uma resistência ao preconceito e à discriminação. Segundo o banco de dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), atualizados diariamente no site QUEM A HOMOTRANSFOBIA MATOU HOJE, 318 LGBT foram assassinados no Brasil em 2015: um crime de ódio a cada 27 horas: 52% gays, 37% travestis, 16% lésbicas, 10% bissexuais. A homofobia mata inclusive pessoas não LGBT: 7% de heterossexuais confundidos com gays e 1% de amantes de travestis. As travestis e transexuais são as mais vitimizadas. Segundo agências internacionais, mais da metade dos homicídios contra transexuais do mundo, ocorrem no Brasil.

## PROJETO TRAZ APRESENTAÇÕES GRATUITAS DE TEATRO LAMBE-LAMBE

Produção do Cia Macadame, os espetáculos do Caixeiros Circulando ocorre no Parque Ramiro Ruediger, no dia 14 de agosto, das 14h30min às 16h30min. Com o objetivo de instigar as pessoas a essa linguagem teatral e com o intuito de despertar a percepção e a sensibilidade do público, em meio à correria do cotidiano, os espetáculos de teatro lambe-lambe apresentados têm duração de três a quatro minutos: "Confusões na Floresta" (4min), "O Naufrago e a Sereia em Perigo nos Mares" (4min), e, "Ideia de Passarinho" (3min). O projeto Caixeiros Circulando é patrocinado pelo Fundo Municipal de Apoio à Cultura, Conselho Municipal de Política Cultural, Fundação Cultural de Blumenau e Prefeitura Municipal de Blumenau. As apresentações são gratuitas e abertas ao público. Evento ao ar livre, em caso de chuva acompanhe nova data no site Mais Cultura Blumenau.

Haverá mais três ações do projeto até o fim deste ano, uma no Parque Ramiro Ruediger, no dia 11 de setembro (às 14h30); outra, no dia 29 de outubro, no Espaço Cultural Vovó Tânia (às 15h); e outra, no dia 18 de novembro, na ONG São Roque (às 15h). Acompanhe as notícias e as novidades da Cia Macadame e do projeto Caixeiros Circulando pelo [www.facebook.com/ciamacadame](http://www.facebook.com/ciamacadame) ou [www.blumenaumaiscultura.com.br/](http://www.blumenaumaiscultura.com.br/)

## PRIMEIRO PORTAL DE NOTÍCIAS BRASILEIRO RELACIONADO A GÊNERO É INAUGURADO

O Portal Catarinas está funcionando desde o dia 28 de julho, e é o primeiro portal de notícias do Brasil voltado à abordagem de gênero, feminismos e direitos humanos. O blog [somosmuatas.blogspot.com.br](http://somosmuatas.blogspot.com.br) foi financiado coletivamente na plataforma Caters, depois de 40 dias de campanha com o envolvimento de mais de 160 pessoas que apoiaram o projeto. A história de Catarinas, projeto para a criação de portal de jornalismo especializado, começou a ser escrita nas atividades do "Março é Delas", alusivas à luta histórica das mulheres por direitos, com o lançamento em 8 de março da campanha de financiamento coletivo. Desde a criação da página na rede social e publicação do blog, Catarinas vem atuando com curadoria de informações, produção de conteúdo regional e observatório dos debates públicos sobre o tema, como se propôs no projeto inicial. Agora com o portal, a atividade toma outra dimensão. Trata-se de uma iniciativa inédita que desponta Santa Catarina no jornalismo especializado nessas temáticas. Para mais informações acesse [www.facebook.com/portalcatarinas](http://www.facebook.com/portalcatarinas).

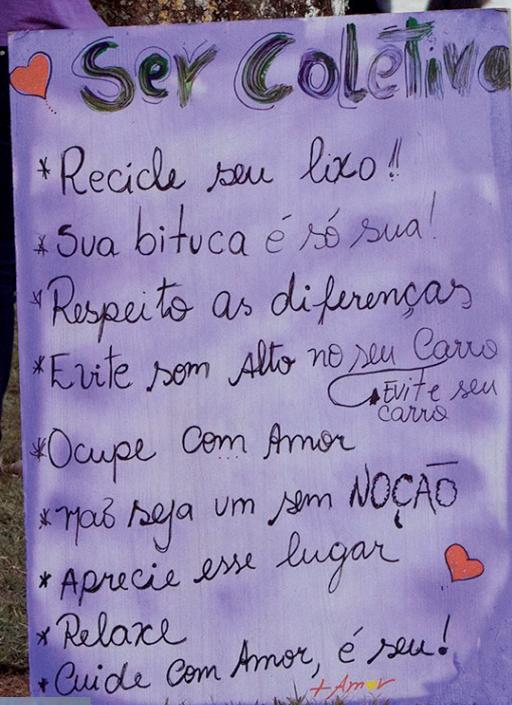
# INSPIRAÇÃO

FOTOS: ALESSANDRA PESSOA

## PRAINHA COM MUITO AMOR

Depois de longos quatro anos interdita, no dia 23 de julho, sábado, a Prainha ficou movimentada com uma ocupação cultural. A organização do evento foi feita em colaboração de grupos da cidade. Minha Blumenau, ABC Ciclovias, Coletivo Feminista Casa da Mãe Joana, Vamo Siuní, Trupe Perambula, Grupo Capivara Cultura Rítmica e Sinergias Urbana são algumas das entidades envolvidas

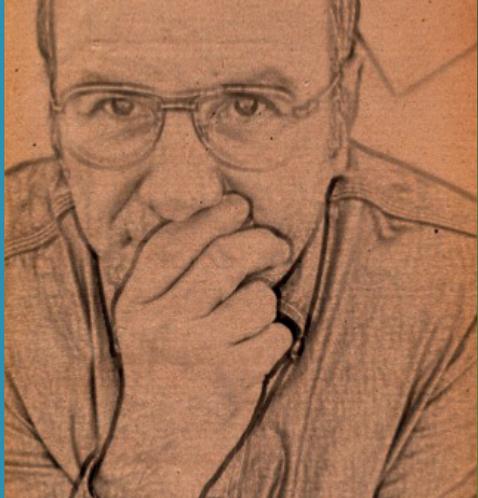
O encontro contou com apresentações culturais, como shows musicais e mostra de cinema. O objetivo é cada vez mais levar a população para este espaço, que ficou por muito tempo fora do alcance da cidade, e que agora respira novos ares de grandes possibilidades.



♥ Ser Coletivo

- \* Recicle seu lixo!!
- \* Sua bituca é só sua!
- \* Respeito as diferenças
- \* Evite som Alto no seu Carro Evite seu carro
- \* Ocupe Com Amor
- \* Mas seja um sem NOÇÃO
- \* Aprecie esse lugar ♥
- \* Relaxe
- \* Cuide Com Amor, é seu! +Amor





# LADO B

## SUCUMBÊNCIAS

Dizem que se é uma surpresa, tem que ser inesperada. Mas nem sempre tudo o que é inesperado consegue surpreender. Muitas vezes de tanto se surpreender as pessoas acabam se acostumando com o inesperado. Isto acontece quando, paradoxalmente, a surpresa se torna previsível. E, desta forma, progressivamente o inesperado acaba deixando de surpreender. Pois é isto que vem acontecendo com a FURB nos últimos tempos. Afinal, quando o Conselho Universitário aprovou dia 28 de julho o parecer do Processo N. 012/2016 que altera o Art. 23 da Lei Complementar N. 740 de 19 de março 2010, ninguém mais se surpreendeu.

É que enquanto o antigo Artigo 23 estabelecia que: “Os recursos oriundos dos honorários advocatícios concedidos em favor da FURB, inclusive em acordos judiciais e extrajudiciais, serão aplicados em ações e programas de interesse da Procuradoria Geral da FURB e no aperfeiçoamento da capacitação profissional dos seus servidores”. O novo agora estabelece que: “Os honorários devidos aos advogados públicos do quadro efetivo de servidores públicos da FURB serão percebidos nos termos de lei específica, aplicável aos demais advogados

e procuradores integrantes da Administração Indireta do Município de Blumenau.”

Porém, a diferença entre o “aplicar” e o “perceber” encerra uma questão de interesse mais geral que os honorários dos advogados da FURB. Constitui apenas o ponto mais evidente de um problema muito mais complexo que diz respeito a racionalidade: uma organização é constituída por uma pluralidade de racionalidades. Este, claro, não é um problema exclusivo da FURB. Trata-se de uma questão mais ampla que diz respeito a todas as organizações modernas: quanto maior a organização, maior a especialização das competências. Isto significa que o crescimento institucional implica uma divisão de papéis entre seus membros e o conflitos de racionalidades.

No quadro das organizações modernas as universidades ocupam uma posição diferenciada. Universidades são organizações multifuncionais. Fazem ensino, pesquisa e extensão. E fazem isto através de uma variedade muito grande de culturas epistêmicas.

Contudo, a organização universitária possui uma baixa interdependência funcional. Isto significa que as atividades desenvolvidas por certos membros, muitas vezes não são necessárias ou mantém uma baixa correlação funcional com as atividades dos outros. Por isto, universidades costumam ser designadas como organizações com objetivos múltiplos e muitas vezes contraditórios.

Neste sentido, dois princípios de diferenciação marcam o processo de organização universitária. Por um lado, a separação segundo atividades: as diferenças entre as atividades fins e as atividades meio que se estratificam em dois grupos principais (professores e técnicos-administrativos); por outro, as comunidades científicas demarcadas academicamente ao redor de uma infinidade de disciplinas e especialidades (graduação e pós-graduação) - além, claro, da fronteira estrutural entre dentro e fora: alunos e servidores. Este problema coloca dois desafios: a) compreender a origem destas racionalidades; b) entender como as racionalidades coexistem.

Esta especialização crescente acabou produzindo uma diversidade de modos de raciocinar e de lógicas de ação na universidade. Por um

lado, a diferenciação horizontal: a estrutura colegiada da universidade influencia fortemente a geração de expectativas (NDE, colegiados, departamentos, centros, comissões, etc.); por outro, a diferenciação vertical: o sistema normativo formal de seleção de demandas altamente centralizado burocraticamente (programação orçamentária). A relação entre estas duas dimensões desemboca numa oposição entre a abertura da racionalidade acadêmica e o fechamento da racionalidade administrativa.

Portanto, nada mais difícil que compatibilizar estas racionalidades no processo de tomada decisão numa universidade pública. Quanto tempo leva a criação de um curso, uma reforma curricular, um concurso para professor, um processo licitatório, a realização de um convênio... Por um lado, as decisões envolvem uma profusão de colegiados, conselhos, câmaras, comissões, instâncias; por outro, as decisões nunca são suficientemente discutidas, refletidas, consensuadas, pactadas. Todos os processos decisórios na universidade são complicados, lentos e pouco transparentes. E tudo isto compromete a qualidade acadêmica e a eficiência administrativa.

No viés de enquadramento institucional existente na FURB estas duas racionalidades assumem um modo de operação muito específico. A combinação de orçamento público com financiamento privado tenciona as exigências internas de qualidade acadêmica e exigências externas de agilidade mercantil. Esta tensão se manifesta também na busca crescente pela autonomia docente com a necessidade crescente de racionalização, controle e governança dos recursos. Por isto, esta contradição condiciona as atividades de ensino, pesquisa e extensão e, desta forma, acaba moldando também as relações que a FURB mantém com a sociedade.

Assim, a FURB vai se transformando num conjunto de pequenas ilhas acadêmicas e feudos administrativos. Para ilustrarmos a variação individual podemos considerar o exemplo de dois casos rotineiros que condicionam o acesso aos problemas e moldam as soluções: a) a adequação curricular de um PPC no qual os membros do NDE privilegiam um conjunto de disciplinas que atende mais os interesses do corpo de professores que a formação dos alunos; b) na construção de uma resolução que regulamenta as atividades acadêmicas dos docentes que privilegia mais a racionalidade administrativa que as atividades científicas.

Portanto, não é difícil notar porque a racionalidade individual gera uma irracionalidade coletiva. Por um lado, a estrutura organizacional da universidade não permite que todas as informações circulem em todos os lugares: os grupos que compõem a FURB não têm acesso a todas as informações ao mesmo tempo para tomar a decisão apropriada; por outro, os procedimentos de operação standard limitam o repertório de escolhas: os conselheiros obedecem a procedimentos pré-estabelecidos que enquadram as estratégias de ação. O efeito combinado destes dois processos indica que a comunicação na universidade é baixa e precária.

Por isto os desafios postos pela conjuntura para a FURB traçam um cenário sombrio. Este cenário combina carência de recursos com corporativismo, falta de transparência com bloqueio de informação, preconceito ideológico com ausência de comunicação... E foi armado pela promoção de decisões que associam expectativas acadêmicas e possibilidades administrativas para garantir espaços exclusivos de atuação profissional e compensação institucional. Consultorias privadas, promoção pessoal, atividades isoladas... a lista é grande. Por isto na diferença entre “aplicar” e “perceber” figura metaforicamente a exclusão entre o todo e a parte.

As sucumbências são muitas, afinal. Acontecem o tempo todo. Fazem parte de nossa rotina acadêmica e administrativa. Para perceber basta apenas prestar um pouco de atenção nas racionalidades. Nada mais evidente do que aquele jogo de soma zero numa organização. O ganho de um significa a perda de outro. Isto significa que sempre que uma parte ganha, o todo perde. Em outras palavras, sempre que os interesses corporativos de algum grupo predominam, perdem os interesses coletivos. Reflete a progressiva desvalorização da dimensão compartilhada. E como faz tempo que a FURB perde, portanto, não há motivo para se surpreender.

“

**Os desafios postos pela conjuntura para a FURB traçam um cenário sombrio. Este cenário combina carência de recursos com corporativismo, falta de transparência com bloqueio de informação, preconceito ideológico com ausência de comunicação... E foi armado pela promoção de decisões que associam expectativas acadêmicas e possibilidades administrativas para garantir espaços exclusivos de atuação profissional e compensação institucional.**